

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A REPRESENTAÇÃO DA *PIETAS*, *FIDES* E *VIRTUS* NA EPOPEIA VIRGILIANA

Vivian de Azevedo Garcia Salema

Março/2012

A REPRESENTAÇÃO DA *PIETAS*, *FIDES* E *VIRTUS* NA EPOPEIA VIRGILIANA

Vivian de Azevedo Garcia Salema

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Orientadora: Professora Doutora Alice da Silva Cunha

Rio de Janeiro
Março de 2012

A representação da *Pietas, Fides e Virtus* na epopeia virgiliana
Vivian de Azevedo Garcia Salema
Orientadora: Professora Doutora Alice da Silva Cunha

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para
a obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Aprovada por:

Presidente, Prof.^a Dr.^a Alice da Silva Cunha - UFRJ

Prof.^a Dr.^a Ana Thereza Basilio Vieira – UFRJ

Prof. Dr. Amós Coêlho da Silva – UERJ

Prof. Dr. Auto Lyra Teixeira – PPG Letras Clássicas - UFRJ, Suplente

Prof. Dr.^a Márcia Regina de Faria da Silva – UERJ, Suplente

Rio de Janeiro
Março de 2012

Salema, Vivian de Azevedo Garcia.

A representação da *Pietas, Fides e Virtus* na epopeia virgiliana/ Vivian de Azevedo Garcia Salema. – Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2012.

ix, 79f.: 29,6 cm.

Orientadora: Alice da Silva Cunha

Dissertação (mestrado) – UFRJ/FL/Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, 2012.

Referências Bibliográficas: f. 76-79.

1. *Pietas, Fides e Virtus*. 2. *Eneida* 3. Virgílio I. Cunha, Alice da Silva.
II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, FL, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas. III. Título.

RESUMO

A representação da *Pietas*, *Fides* e *Virtus* na epopeia virgiliana

Vivian de Azevedo Garcia Salema

Orientadora: Professora Doutora Alice da Silva Cunha

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

O poema épico de Virgílio constitui-se num grande e poderoso instrumento de transmissão de convicções e pensamentos, suscitados pelo próprio esplendor de uma época conhecida como *Pax Romana*. Assim, pondera-se que a *Eneida* é uma obra fértil em recursos que propendem a difundir ideias morais condizentes com a política de reformas e com os projetos sociais do imperador. Este trabalho se concentra no exame, por meio da análise estilística e literária, de algumas das diversas passagens - difundidas em todo o poema – que evidenciam os valores morais romanos da *Pietas*, da *Fides* e da *Virtus*, representados sobretudo pelo herói Eneias.

Palavras-chave: *Eneida*, moral romana, *pietas*, *uirtus* e *fides*.

ABSTRACT

The representation of *Pietas*, *Fides* and *Virtus* in the epic virgilian

Vivian de Azevedo Garcia Salema

Orientadora: Professora Doutora Alice da Silva Cunha

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à Obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

The Virgil's epic poem consists in a great and powerful instrument for the transmission of beliefs and thoughts raised by the splendor of an era known as *Pax Romana*. Thus, the *Aeneid* is a composition rich in resources that are inclined to diffuse moral ideas according to the emperor's political reforms and his social projects. This research focuses on the study, through stylistic and literary analysis, of some passages of the *Aeneid* that express the Roman moral values – *Pietas*, *Fides* and *Virtus* – represented mainly by the hero Aeneas.

Kew-words: Aeneid, moral Roman, *Pietas*, *Fides* and *Virtus*.

AGRADECIMENTOS

Regozijo-me em poder expressar aqui o meu sincero sentimento de gratidão a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e me estimularam a dar prosseguimento aos estudos.

Mesmo diante de circunstâncias desfavoráveis e de inúmeros momentos de hesitação e de desânimo, continuei a trilhar esse caminho e não conseguiria fazê-lo sem o incentivo e o auxílio de meus professores, parentes e amigos.

Agradeço *ex animo*:

A Deus, por estar sempre iluminando meu caminho.

À Prof^ª Dr^ª Alice da Silva Cunha, não apenas pela sua preciosa orientação, mas sobretudo pelas suas aprazíveis e proveitosas aulas sobre Língua e Literatura Latinas ministradas nos cursos de Graduação e Pós-Graduação desta instituição.

Ao corpo de professores do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por conferir um excelente curso.

Ao corpo de professores do curso de Especialização em Língua Latina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pelo primoroso curso oferecido.

À minha família e, em especial, ao meu amado pai, Avelino Miguel, meu maior exemplo na vida. Sou eternamente agradecida por todo o seu amor, que continuamente me fortalece e me vivifica.

Ao meu único e verdadeiro amor, Rodrigo Salema (*in memoriam*), que me tornou a mulher mais feliz e realizada deste mundo.

À minha amada filha Maria Eduarda, presente de Deus, a quem concederei amor e proteção até o fim da minha vida. Sou grata pela sua existência, que julgo ser a minha própria.

A todos os meus amigos de jornada e, principalmente, às minhas amigas Aline Chagas e Bruna Tavares, pela sincera amizade e pelas inúmeras palavras de incentivo.

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.*

(Fernando Pessoa)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. VIRGÍLIO: VIDA E OBRA	12
3. SÍNTESE DA <i>ENEIDA</i>	15
4. CONTEXTO HISTÓRICO.....	21
4.1 Júlio César e o Fim da República Romana	21
4.2. O Principado de Augusto e a <i>Pax Romana</i>	23
5. SOBRE OS VALORES ROMANOS	27
6. A REPRESENTAÇÃO DA <i>PIETAS, FIDES E VIRTUS</i> NA <i>ENEIDA</i>	36
6.1 <i>Pietas</i>	36
6.2 <i>Fides</i>	52
6.3 <i>Virtus</i>	59
7. A <i>ENEIDA</i> E A POLÍTICA DE AUGUSTO	69
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
9. BIBLIOGRAFIA.....	76

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta a epopeia virgiliana como uma composição cujo principal papel é defender e difundir princípios morais que atendam às necessidades do novo mundo romano que se erigia com as reformas políticas do *imperator* Augusto. Isto quer dizer que a escritura do poema épico não pode ser examinada sem se considerar o contexto histórico-político-social do glorioso “Século de Augusto”, uma vez que a própria composição se constitui num importante testemunho do verdadeiro esplendor da Roma Imperial.

Apesar de todo o contexto romano da época não só ter exercido influência na composição do poema, como também contribuído, de fato, para a sua realização, não se pode limitar a *Eneida* como uma mera propaganda política. Não se pretende aqui, em hipótese alguma, reduzir a obra de Virgílio a uma concepção propagandística.

Seria um erro grotesco e inaceitável limitar uma obra de tamanha importância para a literatura, que representa um modelo literário mundial e que encerra grandes e inúmeros predicados. O ponto de vista destacado nessa pesquisa não intenta reduzir ou limitar a interpretação da *Eneida*, mas sim ampliá-la e enriquecê-la, de modo que possibilite analisar o poema sob um diferente prisma, a partir de novas perspectivas.

Em diversas passagens da epopeia, encontram-se difundidos diversos conceitos - os valores morais romanos - representados, sobretudo, pelo herói Eneias, de quem, segundo a lenda, descende a raça latina. A exaltação de tais valores, dentre os quais se destacam a *pietas*, a *uirtus* e a *fides*, condizia com o propósito do *princeps* de cultuar as antigas virtudes, almejando um retorno aos costumes dos antepassados.

A razão pela qual se elegeu Virgílio como o autor a ser destacado nessa pesquisa se deve ao fato de ser ele o “maior poeta da latinidade”¹ que mais representou, com *ars* e *ingenium*, a grandiosa Roma do período augustano. A escolha do tema e, sobretudo, do *corpus* foi motivada pelo fato de a *Eneida* se constituir numa rica e inesgotável fonte de possibilidades de interpretação e análise literárias, em que se evidenciam importantes questões acerca da história, da cultura, da mitologia e da filosofia romanas, por meio das quais se expõem valiosos conceitos relacionados aos costumes e à moral desse mesmo povo.

¹ Conforme aponta PARATORE: “Na época dos Flávios, o triunfo de Virgílio é completo e definitivo; Sílio Itálico inaugurava uma espécie de religião poética do Mantuano. Agora a sua qualidade de máximo poeta da latinidade está assegurada para sempre...” (1983, p.410)

Antes de dar início ao atual trabalho, foram feitas diversas leituras desse poema e a cada leitura, o olhar, a percepção foi complementada com diferentes ideias. A partir de uma leitura mais cuidadosa e apurada, percebeu-se que a epopeia de Virgílio representa muito mais do que um poema nacional: é uma obra de inestimável importância histórica e cultural que confirma a grandiosidade do império romano. Esse épico não só traz importantes informações a respeito da história de Roma, como também suscita grandes reflexões acerca das ideias morais e políticas, que fazem parte da cultura romana. Diante dessa constatação, enveredou-se o estudo para a apreensão desses conceitos morais, que se encontram difundidos em todo o poema, de modo a estabelecer relações entre os aspectos literários da *Eneida* e o contexto sócio-político da *Pax Romana* vivenciado por Virgílio.

A princípio, este trabalho ater-se-á aos dados biográficos do poeta romano Virgílio, bem como apresentará um resumo de sua obra - *Eneida*. Em seguida, far-se-ão breves apontamentos acerca dos fatos históricos que determinaram a chamada *Pax Romana*, período em que Virgílio compôs o poema épico. Logo após, será desenvolvida a matéria respeitante aos valores morais (e ou políticos) romanos, fundamentada a partir das obras *Estudos de História e Cultura Clássica* de Maria Helena da Rocha Pereira e *A Civilização Romana* de Pierre Grimal.

Tendo como base conceitual todo o estudo preliminar, serão apresentadas algumas passagens, cujo tópico se refere ao tema aqui proposto. A partir da análise estilístico-literária desses excertos, revelar-se-ão pontos centrais que denunciam o caráter moral e político da obra virgiliana. Por fim, discutir-se-á a respeito do papel político-social da epopeia, correlacionando-o às propostas de Augusto.

2. VIRGÍLIO: VIDA E OBRA

É certo afirmar que os estudos que envolvem a vida de Virgílio registram poucas informações. Ainda assim, deve-se ter cautela, pois nem todos os comentários a respeito da biografia do poeta podem ser considerados absolutamente verdadeiros, devido à sua imprecisão. Além disso, ao longo do tempo, criaram-se muitas lendas a seu respeito. Não obstante, julga-se oportuno tecer aqui brevemente alguns esclarecimentos biográficos.

Publius Vergilius Maro nasceu em Andes, localidade próxima de Mântua, no dia 15 dos idos de outubro em 70 a.C., sob o consulado de Pompeu e Crasso. Seu pai, acredita-se, viveu em condição humilde, como camponês ou oleiro. Em Cremona, Virgílio instruiu-se nos estudos literários até os dezessete anos. Vestida a toga viril, o jovem rapaz partiu para Milão, a fim de estudar retórica; em seguida, foi para Roma para praticar a oratória, com o propósito de atender às expectativas de seu pai, que almejava para o filho um futuro promissor, ocupando algum cargo relacionado aos negócios públicos. Diz-se que ali teria estado na escola do retor Epídio, onde teria aprendido a arte da eloquência, tendo como condiscípulo Otávio, o futuro Augusto.

Apesar de todo o esforço do pai, Virgílio não teve êxito no ofício de orador, uma vez que não tinha eloquência e como era tímido, apresentava dificuldade em discursar. De fato, essa atividade, frequentemente ligada aos *negotia*, não lhe agradava. O jovem comprazia-se com a filosofia epicurista que era propagada pelo Mestre Siro, de quem Virgílio teria se aproximado, em Nápoles. O poeta, grande admirador dessa filosofia, também absorveu os princípios epicuristas a partir dos ensinamentos de Lucrécio em *De Rerum Natura*.

As primeiras composições seguramente virgilianas constituem as dez églogas, mais conhecidas como *Bucólicas*, que foram escritas entre os anos 41 e 39 a.C. Estes poemas que, inspirados nos *Idílios* do poeta grego Teócrito, tratam de assuntos variados num ambiente rural e pastoril e revelam, em sua essência, o verdadeiro espírito e a inegável sensibilidade de Virgílio. Este, que entregue ao *otium* contemplativo, evidencia em sua obra os encantos da natureza e a paz da vida campestre, que se contrapõem às perturbações citadinas.

Em 41 a.C., após a vitória de Filipos, os triúnviros, devido a uma promessa antiga, distribuíram aos soldados veteranos as terras na Gália Cisalpina, região já anexada à Itália. Os territórios de Cremona e de Mântua também tiveram de ser

repartidos entre os soldados e, por isso, Virgílio foi desapossado de seu pequeno sítio, mas seu amigo Asínio Polião, junto a Octaviano, obteve a anulação da expropriação. Porém, no ano seguinte, o mantuano acabou perdendo sua propriedade e, exilado, partiu, juntamente com seu pai, para Roma.

Virgílio estabeleceu verdadeiros laços de amizade com Octaviano e Mecenas, a quem devia muitos favores. Foi para Nápoles, onde fixou uma residência estável e compôs os quatro volumes das *Geórgicas*, no período de 37-30 a.C. O poema, inspirado em *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo, trata do cultivo dos cereais e das árvores, da pecuária e da apicultura, evidenciando o amor do poeta pela natureza e pela agricultura. Estes versos ecoam as aspirações de Virgílio, que valorizava e exaltava a vida no campo e repugnava os conflitos entre os cidadãos e as agitações da cidade.

Destacando-se como maior poeta do seu tempo, Virgílio - consagrado como escritor oficial do estado - foi incentivado por Augusto a compor uma obra mais grandiosa que cantasse Roma e exaltasse a história da *gens Iulia* e as glórias do imperador, de modo que colaborasse com os programas moralistas e pacificadores de Augusto, isto é, com o desejo do *princeps* de restauração das virtudes tradicionais da latinidade.

O poema épico era considerado pelos romanos a forma mais elevada da literatura, constituindo-se, portanto, no gênero mais indicado para o enaltecimento da pátria e do povo romano. Virgílio já havia demonstrado antes o desejo de escrever uma epopeia e teria iniciado a *Eneida* ainda durante a composição das *Geórgicas*. Inicialmente, o poeta teria desenvolvido em prosa o tema da epopeia e após foi estruturando esta em versos, pouco a pouco, e aperfeiçoando-a com extremo cuidado e esmero.

Para compor o épico, Virgílio fez uso da lenda do herói troiano Eneias, que era o progenitor da *gens Iulia*, da qual descendia o imperador Augusto, como sobrinho e filho adotivo de Júlio César. A *Eneida*, que toma como argumento a lenda de Eneias para a glorificação de Roma, já era conhecida e muito desejada pelos romanos antes mesmo de sua publicação. Em seus últimos anos de vida, o literato dedicou-se inteiramente à sua composição, cuja fama antecipadamente se anunciava nos versos de Propércio, grande admirador da arte virgiliana:

*Cedite, Romani scriptores, cedite, Grai:
Nescio quid majus nascitur Iliade.* (II 34, 56-66)

Para a composição de seu poema heroico, Virgílio se serviu das obras de antigos poetas romanos. Inspirou-se em Ênio (*Quintus Ennius* – 239-169 a.C.), poeta que apresentou nos *Anais* a história romana desde as suas origens míticas, e também em Névio (*Naevius* – ?-201 a.C.), que compôs dramas e tragédias e escreveu um poema épico sobre a primeira Guerra Púnica, em que faz referência às origens lendárias de Roma. Na *Eneida*, é evidente a influência de pensamentos helenísticos. Muitos episódios dessa narrativa aludem aos versos homéricos, nos quais o poeta latino se baseou para a construção da sua epopeia, inspirada na *Odisseia* nos cantos I-VI e na *Iliada* nos cantos VII-XII.

Até mesmo Augusto, que tinha muito apreço pelos assuntos literários, demonstrava ansiedade, pedindo insistentemente ao poeta que lhe mostrasse algumas partes da obra. Até que em 22 a.C., Virgílio fez a leitura dos livros segundo, quarto e sexto para o *princeps* e sua irmã Otávia, cujo filho, morto no ano anterior, foi citado no sexto livro do poema.

Em 19 a.C., o mantuano desejou fazer uma viagem à Grécia e à Ásia a fim de percorrer alguns lugares por onde Eneias teria passado, de modo que pudesse finalmente revisar o poema, que ainda se encontrava inconcluso. Durante sua estada em Atenas, encontrou-se com Augusto e com este decidiu retornar à pátria. Em Mégara, Virgílio ficou doente e durante a viagem de retorno houve um agravamento de seu estado de saúde, acarretando sua morte, em Brindes, a 21 de setembro desse mesmo ano. Foi sepultado em Nápoles.

Diz-se que, em seus últimos momentos de vida, o escritor solicitou a amigos que queimassem o manuscrito da *Eneida* e, caso não o fizessem, que nada acrescentassem ao poema, publicando-o conforme o escrito original.

Apesar de serem poucas as informações biográficas a respeito de Virgílio, o seu reconhecimento como poeta máximo da latinidade é inegável. A sensibilidade das *Bucólicas*, a perfeição formal e estilística das *Geórgicas* e a inexaurível riqueza literária da *Eneida* comprovam, mais do que qualquer documento biográfico, a supremacia da genialidade poética de seu autor.

3. SÍNTESE DA *ENEIDA*

O grande épico latino narra as peripécias de Eneias, que recebe uma missão divina de fundar uma nova cidade e de levar consigo os Penates troianos para a Itália. Impelido pelo destino e pela vontade dos deuses, o patriarca foge de Troia, que estava tomada pelos inimigos e consumida pelas chamas. Assim, juntamente com o pai, o filho, os companheiros e os Penates da pátria, Eneias deixa as praias troianas e, levado pelos fados, lança-se ao mar.

Navegando em mar tranquilo, Eneias e seus companheiros são surpreendidos por uma terrível tempestade, desencadeada, a mando da deusa Juno, por Éolo, o rei dos ventos. Alguns navios são dispersados pelo mar revolto e arremessados às costas da África e outros são completamente destruídos. Assim que Netuno restitui a tranquilidade ao mar, os teucros chegam a Cartago, território da rainha Dido. Esta os acolhe e lhes oferta um banquete de felicitação.

Para resguardar o filho, Vênus utiliza de seus artifícios para que Dido se apaixone por Eneias. E, à noite, durante o banquete, o herói troiano discorre sobre os fatos que precederam a ruína de Troia e sobre as suas desventuras na terra e no mar durante sete anos, desde a queda da cidade.

Juno, deusa protetora de Cartago e inimiga de Troia, com o propósito de impedir a saída de Eneias de sua querida região, cria um ardil para que Dido, perdidamente apaixonada, se entregue em núpcias ao troiano. Durante uma caçada, o casal é surpreendido por uma forte tempestade e logo se abriga numa gruta, onde Juno, deusa dos casamentos, interfere e o conúbio é consumado.

O chefe troiano é advertido por Mercúrio, o mensageiro de Júpiter, para que não despreze a incumbência imposta pelos deuses que o obriga a se dirigir para a Itália e construir neste lugar uma nova cidade. Eneias, obediente aos fados, embarca junto com os companheiros e abandona Dido desesperada. Enquanto Eneias deixa a cidade, a enfurecida rainha vocifera contra ele e ao observar a sua partida, desvairada, a mulher se suicida.

Tendo deixado Cartago, a frota de Eneias aporta na Sicília, onde os troianos celebram os jogos fúnebres em homenagem a Anquises, pai do chefe troiano. Enquanto eles prestam honras solenes ao túmulo, as matronas, distanciadas dos homens, choram a morte de Anquises. Percebendo que os navios estão desprotegidos, Juno aproveita a fadiga e a fragilidade das mulheres para incitá-las a incendiar as naves troianas. Tocadas

pela fúria da deusa Íris, a enviada de Juno, as matronas, vociferando, arrancam os lumes das casas próximas, saqueiam os fogos dos altares e os atiram contra os navios. O incêndio é extinto quando Júpiter faz cair uma chuva torrencial, salvando algumas naves do desastre.

Resoluto, o herói deixa em campos sicilianos algumas matronas enfadadas da viagem e alguns companheiros tomados pela fraqueza ou pela invalidez, por causa da idade avançada ou mesmo pelo receio dos perigos futuros. Nesta região, hão de construir uma cidade que será reinada pelo troiano Acestes. A frota troiana dá início à navegação sob a direção de Palinuro. Porém, durante a madrugada, enquanto todos repousam, o piloto é acometido pelo deus Sono, que o torna sonolento e o arremessa contra as ondas do mar. Quando Eneas percebe que o navio está sem o comando do piloto, toma ele mesmo a direção.

Eneas aporta no litoral de Cumas, em território grego. Ele dirige-se à morada da Sibila, onde se assenta o templo de Apolo. A profetisa revela-lhe as grandes provações que o herói ainda terá de enfrentar e o aconselha a não se curvar diante das dificuldades. Eneas solicita à virgem que lhe seja permitido o acesso ao reino dos mortos para se encontrar com o pai. A pitonisa lhe passa as instruções para que lhe seja lícita a entrada no mundo subterrâneo. Cumpridas as prescrições da Sibila, o troiano desce aos Infernos e, após caminhar pelas várias regiões infernais, encontra-se finalmente nos Campos Elíseos com Anquises, que lhe relata sobre a descendência da raça troiana e sobre as glórias vindouras do povo itálico.

Eneas volta a embarcar e navega em direção às regiões itálicas. Finalmente, o patriarca chega à região do Tibre e às terras prometidas pelos deuses, onde serão erguidas as muralhas da futura cidade troiana. Com propostas de paz, Eneas envia embaixadores ao palácio do rei Latino, que os recebe hospitaleiramente e, considerando o conselho do oráculo de Fauno, oferece sua filha Lavínia ao chefe estrangeiro. Porém, a cruel Juno que, inexorável, insiste no propósito de perseguir os troianos e dificultar a fundação de uma nova Troia, utiliza-se dos poderes da deusa Alecto para que a paz firmada entre eles seja destruída por meio de artifícios que promovam e justifiquem uma guerra. Essa deusa, a pedidos de Juno, propaga a discórdia na casa de Latino e depois em toda a região do Lácio. Incita a rainha Amata e Turno, o esposo inicialmente prometido a Lavínia, a se voltarem contra os teucros e o próprio rei Latino, que estava disposto a se aliar a um estrangeiro, ofertando a este sua filha. Uma vez que o rei Latino se detém em abrir as portas da Guerra, a própria Juno as empurra, fazendo ecoar o som

das trombetas.

Percebendo a iminência da guerra, Eneias segue as recomendações do deus Tibre e se dirige à cidade do rei árcade Evandro a fim de obter aliança na guerra contra os latinos. Com hospitalidade, Evandro e seu filho Palante acolhem os troianos e tomam como aliados os etruscos. Vênus aparece para o filho e lhe entrega uma primorosa armadura confeccionada pelo deus do fogo Vulcano e por seus ferreiros Ciclopes. Dentre todas as armas, a que mais se sobressai é o belo e imenso escudo, no qual se veem representados os episódios mais marcantes da história de Roma.

Enquanto Eneias busca auxílio na região de Evandro, seus companheiros permanecem nos acampamentos, próximos ao rio Tibre. Turno é incitado pela deusa Íris, mensageira de Juno, a atacar os acampamentos troianos, mas não tem êxito devido às fortes muralhas. Então, o chefe dos rútuos e o seu exército investem contra a frota que está presa às margens do rio, porém Cibele – a Mãe dos deuses – evita o incêndio, metamorfoseando os navios em ninfas do mar.

As sentinelas Niso e Euríalo, dispostos a enfrentar todos os perigos, se retiram do acampamento a fim de se encontrar com Eneias em Palanteia e lhe informar sobre a investida de Turno contra os troianos. Os dois soldados agem com audácia ao atacar a tropa inimiga enquanto esta repousa. Ávidos de glória, realizam grandes feitos e reduzem significativamente o número de inimigos, mas não levam a cabo os seus projetos, pois são abatidos pelas mãos dos rútuos.

A perda de inúmeros guerreiros, causada pelo ataque furtivo dos dois troianos, deixa o chefe dos rútuos enfurecido. Turno, então, juntamente com seu exército, faz uma nova investida: invade o campo inimigo e trava combate, causando muita carnificina. Ascânio, filho de Eneias, não participa da batalha, a pedidos do deus Apolo. Após sofrerem muitas baixas, os teucros se restabelecem, expulsam os combatentes da fortaleza e perseguem Turno, que se atira ao rio, livrando-se da tropa troiana.

Júpiter, ciente da dissensão entre as divindades e, especialmente entre Vênus e Juno, convoca um conselho dos deuses no Olimpo. Vênus relata ao pai dos deuses sobre a insistente hostilidade dos rútuos, ressalta sobre o comprometimento dos teucros em seguir as ordens do destino e, por fim, suplica proteção ao neto Ascânio, filho de Eneias. Juno, por sua vez, defende os latinos e acusa os troianos de causarem a discórdia no Lácio e provocarem a guerra. O soberano Júpiter mantém-se imparcial, colocando-se de acordo com os fados.

Voltando ao acampamento, Eneias se depara com as ninfas marinhas que lhe

informam sobre a metamorfose sofrida pela frota e o aconselham a preparar seus companheiros para a guerra. Eneias e seus aliados desembarcam e a batalha se inicia. Vênus não deixa de proteger o filho Eneias que abate muitos inimigos com o uso da grande armadura feita pelo deus Vulcano. Nesse sangrento combate, tanto os rútuos quanto os etruscos e os teucros são violentamente mortos. Palante, filho de Evandro, cujas façanhas incentivam os guerreiros árcades a lutarem vigorosamente, retira a vida de inúmeros oponentes. Porém, após demonstrar muita habilidade e coragem em campo de batalha, Palante é desafiado por Turno e tomba quando o dardo do chefe rútuolo perfura fatalmente seu peito.

Chega a Eneias a notícia da desgraça sofrida pelo chefe árcade. Então, com sede de vingança, o filho de Vênus põe-se a procurar o homem que causou a morte de Palante. Percebendo o perigo iminente, Juno se utiliza de um artifício para afastar Turno do combate. A cruel deusa arditosamente consegue livrar Turno da fúria inelutável do troiano, arrastando o rútuolo ao navio e em seguida ao alto-mar. Eneias, demonstrando astúcia e coragem, dá cabo de um grande número de inimigos, dentre os quais se destaca Lauso, filho de Mezêncio.

Após uma intensa batalha, em que a vida de inúmeros soldados é sacrificada, segue-se uma trégua para que troianos e latinos deem sepultura aos seus mortos. O cadáver de Palante é enviado para o rei Evandro e este se mostra ansioso em vingar a morte do filho. Eneias expressa aos emissários de Latino indignação em relação à hostilidade desse povo, com o qual desejaria firmar uma pacífica aliança. O chefe troiano critica Turno e se mostra a favor de que se faça um combate único entre ele e o chefe dos rútuolos. O rei Latino, consciente da invencibilidade de uma nação prometida pelos destinos, propõe-se a estabelecer uma aliança com Eneias, de modo que partilhe amigavelmente com os teucros alguns territórios latinos. Porém, Turno não aceita uma conciliação e se mantém inexorável no propósito de eliminar Eneias e seus soldados.

A guerra, então, recomeça. Turno recebe auxílio da guerreira Camila – a rainha dos volscos. Embora a amazona aja valorosamente e realize grandes façanhas em campo de batalha, abatendo diversos combatentes aliados de Eneias, é fatalmente atingida pelo dardo do ardiloso Arunte. A morte da valorosa guerreira provoca o esmorecimento da cavalaria rútuola. A batalha se intensifica e torna cada vez mais crescente o número de soldados que perdem a vida. Os soldados troianos e etruscos mostram-se superiores em luta e massacram os oponentes, que por sua vez, se dispersam e fogem aterrorizados em direção às muralhas.

Turno enfurecido se dispõe a enfrentar frente a frente o valoroso Eneias, porém Latino o aconselha a desistir da guerra e a aliar-se aos troianos. O chefe dos rútuos está resoluto em sua decisão e não cede aos rogos nem às lágrimas da rainha Amata, que em vão suplica para que desista do duelo com o troiano. Chegado o momento do embate, Juno incita a irmã de Turno – a ninfa Juturna - a intervir na luta de modo que favoreça o guerreiro rútuio. A divindade, tomando a forma de um combatente latino, incentiva os rútuos a travarem uma nova guerra, reavivando o ódio entre os latinos. E, apresentando um sinal, a ninfa faz com que os soldados empunhem as armas e avancem contra os oponentes, desencadeando a batalha.

No momento em que Eneias se espanta com a súbita dissensão entre os italianos e os teucros, repreendendo-os pela violação do pacto, o chefe troiano é gravemente ferido com uma seta na perna. Porém, Vênus, vendo-o abatido, serve-se de seus poderes divinos a fim de que restabeleça a saúde do filho, fazendo-o voltar com vigor ao combate. Estando curado, o chefe troiano, tomado pelo furor, sai na ânsia de encontrar Turno para desafiá-lo na luta, porém a ninfa Juturna, mais uma vez, tenta retardar o combate frente a frente. A carnificina se intensifica cada vez mais e os dois destemidos guerreiros – Eneias e Turno – matam inúmeros soldados.

Eneias e seus aliados, superiores na guerra, avançam em direção às muralhas da cidade latina, disseminando o terror. A rainha Amata, vendo a superioridade do inimigo e julgando Turno morto em campo de batalha, renuncia à própria vida, suicidando-se. E o clamor se ouve de longe e o desespero se alastra em toda a cidade. O chefe rútuio, então, é persuadido pela irmã a desistir de lutar com Eneias, mas Turno, decidido a enfrentar o chefe teucro, dirige-se à cidade sem demora.

Logo, chega o momento de os dois varões se enfrentarem. Durante a luta, a espada de Turno se parte, e, estando desarmado, o guerreiro põe-se a fugir de Eneias, que não o alcança devido ao recente ferimento no joelho. Enquanto Turno é socorrido pela irmã Juturna com a restituição de uma arma paterna, Eneias é auxiliado por Vênus, que retira sua lança que estava presa no tronco de uma árvore. Observando do Olimpo a luta dos dois homens, Júpiter, enfadado das adversidades que se colocam diante dos fados, adverte Juno e lhe pede para desistir das investidas contra os desígnios divinos. Diante das súplicas do pai dos deuses, a deusa Juno finalmente cede. Júpiter se alegra, atendendo aos desejos de Juno, que havia solicitado a permanência do nome, do idioma e dos costumes do Lácio.

Júpiter envia uma das Fúrias para o local do combate fazendo com que Juturna,

atemorizada, afaste-se de seu irmão. Turno, sem mais o auxílio divino, é atingido pelo dardo do troiano na coxa. Percebendo-se derrotado, Turno pede misericórdia ao chefe troiano, mas este, vendo o cinturão de Palante no corpo do inimigo, lembra-se da terrível morte do amigo e desfere um golpe fatal sobre o peito do chefe rútilo.

4. CONTEXTO HISTÓRICO

Antes de se ocupar propriamente da época augustana, julga-se necessário expor ligeiramente alguns acontecimentos que marcaram a história da República de Roma. Os anos que antecederam o glorioso império de Augusto foram marcados por encarniçadas guerras civis, que acarretaram incalculáveis perdas humanas e materiais, dando início a grandes transformações de toda ordem no destino do mundo romano. De fato, as inevitáveis e incessantes crises, que se resultavam da busca irrefreável de poder, propiciaram o surgimento do Império e a preponderância de Roma.

4.1 Júlio César e o fim da República Romana

A República Romana pereceu por não se mostrar capaz de resolver os problemas que envolviam as questões do poder civil e o poder militar. A anarquia se intensificou devido a uma disputa constante entre líderes militares rivais que aspiravam ao poder e à ascensão pessoal. Os chefes tiravam proveito da sua autoridade em benefício próprio, uma vez que dispunham de exércitos cujos soldados acabavam prestando obediência apenas aos seus comandantes.

Embora Roma enfrentasse dificuldades internas devido aos incessantes conflitos entre os romanos, nenhum outro vizinho em outros confins fora suficientemente capaz de superar nem mesmo de diminuir o sólido poder romano, que, apesar das adversidades, mantinha invicto o domínio sobre diversos territórios.

A figura de César no cenário político foi de extrema importância para os destinos do mundo de Roma. O primeiro triunvirato - função exercida por César, Crasso e Pompeu - chega ao fim, quando da morte de Júlia, filha de César e esposa de Pompeu - fato que torna inevitável o distanciamento entre os dois políticos - e a morte trágica de Crasso no Oriente em 53 a.C. Desde então, começa a imperar a anarquia em Roma, quando o senado, num golpe de Estado, designa Pompeu cônsul único em 52 a.C.

Em janeiro de 49 a.C., César resolve atravessar o rio Rubicão acompanhado de suas tropas, iniciando uma guerra civil, em que poria um fim na República Romana. Em agosto de 48 a.C., na batalha de Farsalha, na Grécia, Pompeu, vendo-se derrotado, foge para o Egito, onde acaba sendo assassinado. Em Munda, na Espanha, os partidários que restaram de Pompeu são definitivamente vencidos pelo conquistador das Gálias. Tal vitória sobre os pompeanos reafirma o poderio romano do grande estadista, César, ao

qual concederiam honras como se fosse um ser divino.

Durante a sua ditadura, César realiza profundas modificações nas instituições romanas. Beneficia as classes menos favorecidas promovendo uma legislação na qual se vê reduzida a ostentação exagerada dos ricos; concede terras da Campânia e da Etrúria a diversas famílias; permite a distribuição gratuita de trigo para os pobres etc. No que tange à cultura, apoia os mestres e os médicos, dando-lhes a qualidade de cidadãos; nomeia Varrão chefe das bibliotecas; propõe um plano de valorização e embelezamento da cidade. No terreno científico, César determina a reforma do calendário, em que se estabelece um ano de trezentos e sessenta e cinco dias com o aumento de um dia no ano bissexto. A 15 de março de 44, todavia, César é assassinado brutalmente no próprio senado, por um grupo de conjurados republicanos.

Desde então, o mundo romano passa a ser governado por três herdeiros do Cesarismo, que impõem um novo regime, com poderes excepcionais. Marco Antônio, Otávio e Lépido formam, então, o segundo triunvirato. Para fazer valer o novo regime e vingar a morte do ditador, os triúviro iniciam uma guerra civil contra seus inimigos, em que diversos cidadãos são cruelmente assassinados. Em 42 a.C., os republicanos comandados por Bruto e Cássio - conjurados de Março que se mostravam contrários à nova política - são finalmente derrotados na batalha de Filipos. Uma nova distribuição territorial é realizada, em Brindes (40 a.C.): Lépido fica com a África, Marco Antônio com o Oriente e Otávio se encarrega do Ocidente.

A disputa pelo poder não cessa e a discordância entre os três políticos provoca novos conflitos. Com efeito, o embate é patente entre Marco Antônio e Otávio, visto que Lépido abdica de seu poder. A disputa se torna cada vez mais intensa, até que a batalha entre as forças do Oriente e do Ocidente eclode em Ácio (31 .a.C.), onde Otávio sai vitorioso. Este passa a ser o único senhor do mundo romano, quando Marco Antônio e Cleópatra, vencidos, põem termo à própria vida. Encerradas todas essas guerras, a própria República chega irrevogavelmente ao fim. Após a vitória de Ácio, Otávio já não mais seria considerado um simples cidadão.

4.2 O Principado de Augusto e A *Pax Romana*

De fato, o “Século de Augusto” propriamente dito tem seu início no dia 16 de janeiro de 27, quando é concedido pelo Senado a Otávio o título de *Augustus*. Mas, antes mesmo desse fato, ao sobrinho de César foram outorgados diversos poderes. Em 30 a.C. recebe o poder de tribuno da plebe (*tribunicia potestas*) e, em 28 a.C, o título de príncipe do senado (*princeps senatus*).

Em 13 de janeiro do ano 27 a.C, três dias antes de receber o título de *Augustus* que lhe conferia grandes poderes, Otávio, não sem malícia, diz restituir os poderes ao Senado e ao povo de Roma. Com efeito, devido às sucessivas vitórias e ao êxito de seus trabalhos, já havia conquistado a estima pública e atraído muita influência em Roma. O *princeps*, astuciosa e engenhosamente, soube concentrar o poder em suas mãos, sem que isso provocasse o ressentimento nos republicanos relutantes. Sob aparências republicanas, Augusto, investido da *auctoritas*, passa a exercer cada vez mais influência e aumentar o seu poder. A esse respeito, diz GRIMAL:

Ele quer respeitar as formas tradicionais, embora estejam praticamente vazias de conteúdo. Conserva o consulado, a pretura, a edilidade, o tribunato, mas dissimuladamente retira-lhes quase toda a importância real. Na medida em que o consulado conserve alguma importância, ele próprio é cônsul; depois, um dia, deixa de querer continuar a sê-lo; é porque encontrou outro meio de ter nas mãos os comandos do Estado. É o primeiro no Senado, e a sua palavra é o equivalente de decisão.²

Reconhece-se consensualmente, por vezes, que, para levar a cabo esta habilidade, Augusto recorreu a uma douda ‘propaganda’, que reuniu à sua volta historiadores e poetas e os encarregou de conquistar os espíritos, ou pelo menos de os cegar a respeito das suas verdadeiras intenções.³

Dito isso, importa ressaltar que Augusto, o primeiro e maior de todos os imperadores romanos, realiza efetivamente grandes mudanças de toda ordem em Roma.

² GRIMAL, Pierre. *História de Roma*, p. 85.

³ GRIMAL, Pierre. *O Século de Augusto*, p. 18.

Durante as quatro décadas em que governa, além de modificar profundamente a estrutura da cidade com grandes construções, o *princeps* faz importantes reformas em todos os aspectos: financeiro, judiciário, administrativo, religioso, social e moral.

Na política de Augusto, estabelecem-se novas formas de taxação; os tribunais passam a ser fiscalizados diretamente pelo imperador; é concedida às províncias e às cidades certa independência administrativa. Como procônsul, exerce controle direto dos governadores provinciais, punindo as irregularidades, os desvios de dinheiro e as extorsões. Acaba com os abusos evidentes da antiga forma de arrecadação de impostos nas províncias, escolhendo para a cobrança alguns representantes pessoais.

Por ora, sublinhar-se-ão as reformas do *imperator* que concernem ao campo moral. Antes de tudo, pode-se afirmar que suas preocupações estavam, sobretudo, voltadas para as questões morais da sociedade. Seu ideal se assentava numa transformação de hábitos sociais, em que prevalecesse o cultivo dos antigos costumes, donde sobressaíam as virtudes romanas. Urgia que o governo pusesse em ordem a sociedade, uma vez que esta se constituía de variados povos subjugados. Uma mudança de costumes se mostrava necessária, para que a população - numerosa e heterogênea devido à expansão territorial - fosse moral e socialmente disciplinada conforme os propósitos de Augusto e se adaptasse às ideologias de seu sistema político.

Foram várias as medidas tomadas pelo chefe do Estado romano com a finalidade de organizar a sociedade de acordo com o *mos maiorum*. Para incentivar os antigos hábitos romanos, o *princeps* busca instituir uma legislação que diz respeito à família, ao matrimônio e à religião. Estabelece-se, então, na política augustana, uma intervenção estatal no âmbito familiar. Augusto faz promulgar diversas leis objetivando a consolidação da família, a fim de impedir o divórcio, a limitação do número de filhos e o adultério, conforme os bons costumes dos ancestrais.

Augusto mostra-se um grande incentivador das Artes e da Literatura. Durante seu governo, há um significativo desenvolvimento da Arquitetura, com a construção de fóruns, teatros, palácios, basílicas, arcos de triunfo, pontes, termas etc. Respeitante à Literatura, com o estímulo e o apoio do governo, florescem as poesias épica e lírica, destacando-se grandes literatos. O “Século de Augusto” é considerado, portanto, como a época clássica da literatura latina, a chamada “Idade do Ouro”.

As reformas morais pretendidas pelo imperador exercem um importante papel no convencimento da sociedade para a aceitação do poder político e militar vigentes. A literatura é um dos meios utilizados para a divulgação dos valores tradicionais e

nacionais romanos, a fim de motivar a população a colocá-los em prática. Tais conceitos seriam peculiares à constituição do ser romano primitivo e representariam, pois, a essência da própria sociedade. Esta é a ideia que deveria ser infundida no ânimo do cidadão de Roma.

As leis, a religião e também a arquitetura, como já afirmado, são recursos de que Augusto se serve visando à restauração do *mos maiorum*. Ele enfatiza o aspecto religioso, infundindo grandes mudanças em sua estrutura. Procura recuperar a antiga religião romana politeísta, erguendo templos e reintroduzindo tradicionais práticas religiosas já quase esquecidas. Augusto passa a deter também a autoridade no campo religioso, quando recebe o título de Sumo Pontífice (*Pontifex Maximus*) em 12 a.C.

A respeito das obras augustanas, sustenta PARATORE:

As aspirações místicas, já recordadas, que circulavam nas multidões e começavam a colorir de si também a cultura das classes superiores foram canalizadas por ele na tentativa duma orgulhosa restauração dos valores religiosos tradicionais, elemento que mais o distingue da mentalidade de seu pai adoptivo e revela o seu típico conservadorismo: atribuiu-se novo esplendor às festas mais típicas e outras foram retomadas ou instituídas; toda a arqueologia religiosa, que na época precedente parecia ter-se esgotado na obra de Varrão, voltou à moda; celebraram-se com pompa inusitada os 'ludi saeculares'; foram emitidas leis sumptuárias, leis de proteção ao matrimônio ou de encorajamento ao casamento e à procriação de filhos.⁴

Vê-se que no principado augustano, há um grande incentivo por parte do governo às produções literárias. Não se pode falar em literatura latina desse período histórico, sem se referir a Mecenas, o ilustre conselheiro de Augusto e o grande patrocinador das atividades literárias. Mecenas, cujo caráter os literatos admiravam, era o homem que se colocava a serviço do Império, reunindo em volta de si talentosos poetas, destacando-se Virgílio e Horácio. Com efeito, os poetas que integravam o círculo de Mecenas acalentavam o desejo de compor poemas que, direta ou indiretamente, apoiavam o governo em vigor. Pode-se afirmar que Virgílio é considerado o grande representante do círculo de Mecenas e se destaca como o maior e

⁴ PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*, p.356.

o mais influente poeta do Império. Por meio de seu *magnum opus*, Virgílio celebra com notável mestria artística a glória de sua pátria.

Para esse estudo, não se julga necessário estender mais o assunto e se ocupar em minúcias a respeito da política de Augusto. Porém, deve-se considerar que as circunstâncias políticas da era augustana, de certo modo, exerceram influência nas produções intelectuais de Virgílio. A *Eneida*, em cujas entrelinhas se enleva seu verdadeiro sentido, simboliza o que de mais nobre há em Roma Imperial: o *uir romanus*, idealizado na figura do *pius* Eneias.

5. SOBRE OS VALORES ROMANOS

Convém ressaltar inicialmente que os termos a serem aqui analisados permanecerão com sua forma original, em latim, uma vez que sua correspondente tradução em língua portuguesa não abrange de todo a significação desejada. Esses conceitos apresentam uma acepção um tanto quanto particular, própria de um povo num determinado momento histórico, cujo contexto sócio-cultural diverge do da época atual. Portanto, o sentido desses valores só pode ser efetivamente compreendido a partir de um conhecimento prévio sobre o povo e a sua história.

Para que o propósito da presente pesquisa seja atingido, é imprescindível que sejam apresentadas breves considerações a respeito dos valores romanos. Importa ressaltar, de antemão, que o estudo dedicado aos valores morais romanos, exposto no atual capítulo, se apoia principalmente nas observações de Maria Helena da Rocha Pereira em sua obra *Estudos de História da Cultura Clássica*. Uma vez que o tema é vasto e sugere muitas reflexões, não se pretende aqui esgotar o assunto, apenas esclarecer as principais ideias encerradas em tais valores.

Os estudos sobre as grandes virtudes romanas indicam que a imposição destes valores se dá efetivamente no início da República, com a tomada de poder do patriciado romano, em 509 a.C. O sentimento virtuoso da sociedade primitiva romana estava voltado sobretudo para o ideal camponês, assentado na permanência da ordem existente. Ou seja, buscava-se a estabilidade, tal qual se observava nos fenômenos naturais, como a terra fértil, a boa colheita, a característica cíclica dos anos, a reprodução regular dos animais etc. Reprovava-se tudo o que comprometesse a estabilidade e a ordem das coisas. Todo e qualquer tipo de excesso era considerado prejudicial ao homem, porque indicava falta de disciplina. Para a manutenção da ordem, o cidadão romano teria de se subordinar ao Estado, contribuindo de fato para o desenvolvimento deste.

Da mesma forma, a religião propunha-se a estabelecer a ordem, de modo que as relações entre os humanos e as divindades estivessem em harmonia. Os homens do campo, principalmente, tinham por hábito praticar diversos rituais e cerimônias tradicionais, visando esse equilíbrio. Não se pode refletir a respeito da questão moral sem se levar em conta o âmbito religioso, uma vez que estes campos, na sociedade romana, estavam intrinsecamente relacionados. Na verdade, os sentimentos morais em Roma permeavam todos os campos da vida: militar, econômico, religioso, familiar e social.

Desde a República, a criança era ensinada a se adequar progressivamente ao modelo de vida tradicional, respeitando os hábitos dos ancestrais, que eram passados de geração para geração. A educação romana, pois, se apoiava principalmente na valorização da glória de seus ascendentes. A intenção era a formação de um cidadão, cuja consciência estivesse voltada para o bem da comunidade, para a salvação da pátria. Segundo as afirmações de Políbio⁵ - um historiador grego que foi levado para Roma na condição de refém, em 167 a.C. - o imenso e crescente poder de Roma era devido ao fato de que seus cidadãos eram fiéis à tradição e aos costumes dos ancestrais.

As Virtudes

De fato, os estudos apontam que o povo romano se destacava pela superioridade quanto aos costumes e aos valores morais. São diversas as virtudes⁶ que caracterizavam esse povo: *Fides*, *Pietas*, *Gloria*, *Honor*, *Dignitas*, *Grauitas*, *Mos maiorum*, *Auctoritas*, *Clementia*, *Concordia*, *Libertas*, *Res publica*, *Otium cum dignitate*, *Labor*, *Virtus*, *Sapientia* e *Humanitas*. Eram estas as grandes virtudes idealizadas e cultivadas pelos cidadãos de Roma, leais aos antigos costumes. Os próprios cidadãos tinham a consciência de que se não observassem tais conceitos, a ordem e a paz na cidade estariam ameaçadas.

Alguns desses valores são de origem helênica, mas a maioria é particularmente romana. Observe-se que essas virtudes se relacionam entre si, isto é, uma pode estar representada implicitamente em outra. Ou ainda, a existência de uma pode implicar a ocorrência de outra. Sem mais delongas, apresentar-se-ão, resumidamente, as ideias das virtudes supracitadas, dando maior ênfase àquelas que representam a trilogia da moral romana: a *pietas*, a *fides* e a *uirtus*. Uma vez que assunto exige, cabe que estas últimas sejam observadas mais detidamente em tópicos específicos.

A *Gloria* é uma disposição adquirida pelo homem bom e virtuoso. Relaciona-se diretamente com os valores da *fides* e da *honor*, uma vez que o homem que detém a *gloria*, tem o reconhecimento e a confiança de um grande número de pessoas e, por isso, é amado e honrado. É classificada como um conceito dos campos político e social.

⁵ Segundo aponta GRIMAL (2009,p.69): “E se Roma atingiu tão rapidamente essa espécie de invulnerabilidade que a protege diante dos inimigos, é porque as tradições e os costumes lhe asseguram uma superioridade de facto sobre todos os outros homens: austeridade, disciplina, fidelidade aos compromissos, uma honestidade rígida fazem dela uma cidade única entre todas as outras.”

⁶ Cf. PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*, p.315-428.

A *Honor* se refere ao homem que se mostra digno de honrarias, devido ao reconhecimento do povo. Assim, pode-se afirmar que é relativo aos negócios públicos. Como dito, a *honor* é uma das condições da *gloria*, mas esta supera aquela em qualidade.

A *Dignitas*, também relacionada a *honor*, é um valor atribuído aos homens de bem, comprometidos com a *res publica*. Isto é, refere-se àqueles que ocupavam cargos de magistratura, como o de cônsul ou de senador. Assim, também pertence à esfera política.

A *Gravitas* é um conceito eminentemente romano que se originou no campo forense. É o requisito do *uir grauis*, isto é, do homem do Fórum, que é respeitado, influente e reconhecido pelos seus méritos, revestido de plena autoridade.

O *Mos Maiorum* é o valor correspondente à tradição quanto aos costumes morais observados pelos cidadãos de outrora. Tais comportamentos, pode-se dizer, formavam o sustentáculo da sociedade romana. É, portanto, um conceito de âmbito moral.

A *Auctoritas* é a virtude que pertence àquele cuja opinião tem um peso considerável, reconhecido pela sociedade, de modo que o capacita a tomar decisões. Este conceito detém um caráter político e moral e está associado às ideias de outros elementos, como as de *dignitas* e *uirtus*.

A *Clementia*, de essência mormente política, é uma disposição daquele que avalia o outro consoante o bem e a prudência, que tende a impor um castigo mais brando a alguém que comete um crime. É uma virtude muito exaltada nos tempos de Augusto, e frequentemente utilizada para representar a figura do *princeps*.

A *Concordia* é um conceito originalmente grego, que em Roma se apresenta com fins políticos. Relaciona-se com as noções de *pax* e de *libertas*. É um requisito indispensável ao povo que prioriza o bem comum e a integridade do próprio Estado, uma vez que a *concordia* se dá a partir da união pacífica entre os homens e os povos.

A *Libertas* é uma virtude que está estreitamente relacionada às noções de *dignitas* e *auctoritas* e, por isso, constitui-se num importante elemento moral no campo político romano. É considerada uma marca nacional e distintiva do povo de Roma. A *libertas* se trata de uma condição garantida pelos magistrados ao cidadão que vive de acordo com a lei.

A *Res Publica* é um conceito bastante complexo quanto à definição e se refere à política romana. A *res publica*, genericamente falando, seria o próprio Estado Romano, no qual se encerram as suas leis e o seu povo.

O *Otium cum dignitate* é um valor que compreende o sentido de paz, de calma (*otium*), adquirida com dignidade (*dignitas*). Refere-se, sobretudo, aos homens que estão a serviço do Estado e que intentam a tranquilidade pública, com decência e honra. O termo *otium* no campo político se refere à suspensão momentânea das atividades políticas (*negotia*).

O *Labor*, de âmbito moral e político, encerra o sentido de “trabalho”, mais propriamente ligado à ideia de um esforço penoso. Este conceito, inicialmente, relaciona-se ao trabalho do agricultor, que é considerado honesto e louvável, agregando-se aos valores da *frugalitas* e da *paupertas*. O *labor* não se limita apenas ao domínio agrícola e se estende também a outros trabalhos julgados dignos de louvor, tais como a magistratura, a medicina e a arquitetura.

A *Sapientia* é um conceito que está em correspondência sobretudo com a noção grega de *sophia* e por isso os valores que agrega levam à abstração. Desta forma, a *sapientia* se liga semanticamente à filosofia e pode ser empregada com o sentido próprio de “sabedoria”. Consoante o estoicismo, que é a doutrina mais expressiva da vida moral romana, a sabedoria é uma disposição do ser livre – o *sapiens* – que vive harmoniosamente, orientado pela razão.

A *Humanitas* é um termo que pode encerrar inúmeros conceitos, uma vez que sua significação se estabelece a partir do termo *humanus*, cujos sentidos reúnem em si certo grau de complexidade. Isto é, tudo aquilo que se refere ao homem enquanto ser terreno é abrangente e está suscetível a diversas considerações. Pode-se afirmar que está em consonância com a *paideia* grega. *Humanitas*, pois, significa primitivamente as qualidades distintivas do gênero humano - a essência dos homens. Daí, surgem as noções de humanismo, benevolência, civilidade, urbanidade, instrução, cultura etc.

A Pietas

Assim se registra o termo no Dicionário Latino-Português de Francisco Torrinha⁷:

Pietas, atis [pius], f.

1. Piedade, sentimento do dever para com os deuses; sentimento religioso; culto; devoção.
2. Sentimento do dever para com os pais; afecto aos pais; amor para com os pais;

⁷ TORRINHA, F. *Dicionário Latino-Português*, P.646.

amor da pátria.

3. *Sentimento do dever; virtude; amor; amizade; dedicação.*
4. *Benevolência; indulgência; clemência; comiseração.*
5. *Justiça, bondade divina.*

O vocábulo *pietas, atis* é derivado de *pius, a, um*. Para se formar o substantivo, à raiz do adjetivo se acrescenta o sufixo – *tas*, elemento formador de substantivos abstratos que designam “qualidade”⁸. Desta forma, *pietas, atis* é um atributo de quem é *pius, a, um*. Seu antônimo é *impietas, atis* (impiedade) que é uma disposição do homem *impius* (ímpio).

O elemento moral mais predominante na epopeia virgiliana é a *Pietas*, que está especialmente representada no personagem Eneias, cujas qualidades e ações o fazem elevar à categoria de herói. Como dito antes, a *Eneida* se tornou uma obra de tamanha magnitude para os gloriosos tempos de Augusto – o grande restaurador dos antigos hábitos romanos.

De fato, *pietas* é um termo de significação bastante extensiva. Embora os valores encerrados pelo vocábulo sejam numerosos (levando em consideração os diversos períodos históricos e culturais em que o termo foi empregado, até o advento do Cristianismo), a linguagem escrupulosa de Virgílio, na *Eneida*, apresenta de modo manifesto as concepções pretendidas.

Nos tempos do imperador Augusto, a *pietas* – a maior das virtudes - representa uma disposição do espírito observada pelos cidadãos romanos que zelam escrupulosamente pela família, pela pátria e pelas divindades. Deste modo, o *uir pius* se caracteriza pelo seu sentimento de devoção para com os familiares e os antepassados, o Estado e a religião.

Uma homenagem feita em mármore, encontrada em Arles, que se refere ao próprio imperador Augusto, confere-lhe os seguintes atributos: *Virtus, Iustitia, Clementia, Pietas*⁹. Diz-se que foi pelo sentimento da *pietas*, que Otávio perseguiu os conjurados e vingou o assassinato de César, seu pai adotivo. Tais valores foram pontos centrais no programa político do *princeps*.

É possível admitir que a retomada da valorização desses conceitos, por meio de

⁸ Cf. FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*, p.240

⁹ Cf. PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*, p.358

discursos encomiásticos, auxilia no processo de indução de ideologias políticas, tornando o cidadão romano mais condescendente e favorável ao regime em vigor. Assim, pode-se entender que a difusão de tais ideias se faz necessária para a conservação do *status quo*.

A lenda de Eneias, de que o escritor Virgílio se serve para compor o grande poema patriótico, pode ser considerada a mais alta expressão desta virtude, a *pietas*. Na *Eneida*, o qualificativo *pius* é inúmeras vezes utilizado para a caracterização moral do protagonista Eneias, que é o primeiro e maior modelo para o homem romano. A *pietas* é, portanto, dentre os diversos conceitos, o elemento moral mais copioso em exemplos (que serão oportunamente analisados) nos versos épicos virgilianos.

A Fides

Embora na *Eneida* a aplicação do sentido moral expresso pela *fides* seja menos veemente (se for comparar com o uso abundante do sentimento da *pietas*), os valores que esse conceito agrega constituem-se em questões fundamentais para o entendimento da política, da cultura e da moral em Roma, uma vez que permeiam toda a vida social desse povo. Deste modo, a *fides* é, por excelência, a tradicional grande virtude que distingue o homem romano.

A *fides*, essencialmente ligada à política, também está relacionada a outros valores e, portanto, dispõe de inúmeras acepções. Uma das noções da *fides* mais empregadas por Virgílio em sua epopeia é o sentimento da boa-fé, da generosidade que se manifesta diante de um acordo firmado reciprocamente entre as partes. Assim, a *fides*, é uma condição que assegura uma relação pacífica entre os cidadãos e entre os povos, de maneira a resguardar a harmonia e a disposição das coisas.

Segundo Cícero, renomado escritor romano que dedicou algumas obras ao estudo dos valores morais e políticos em Roma, a *fides* constituiria o alicerce da justiça:

Fundamentum autem est iustitiae fides, id est dictorum conventorumque constantia et veritas. Ex quo, quamquam hoc videbitur fortasse cuiusdam durius, tamen audeamus imitari Stoicos, qui studiose exquirunt, unde verba sint ducta, credamusque, quia fiat,

*quod dictum est appellatam fidem.*¹⁰

Em algumas passagens, o poeta Virgílio parece aplicar os termos *fides* e *pietas* como sinônimos, visto que estes valores estão muito próximos quanto à significação. O primeiro seria a lealdade nas relações pessoais e sociais e o segundo seria a firme observância das obrigações em relação à família, a pátria e aos deuses. Tanto a *fides* quanto a *pietas* se manifestam principalmente através das ações do herói troiano.

Pode-se observar, no texto virgiliano, que *fides* é, algumas vezes, empregada juntamente com *foedus* (aliança), indicando que ambas as palavras dispõem de significações correspondentes, como já fora estabelecido por Varrão. Este mesmo enciclopedista ainda relacionou *fides* ao verbo semidepoente *fio, fis, fieri, factus sum* (ser feito). A mesma relação fez o grande orador e prosador romano Cícero, em suas obras *De Re Publica* e *De Officiis*.

Importa ressaltar ainda que o conceito de *fides* também se dá em outro aspecto, conforme afirma GRIMAL:

*A fides tinha ainda outro domínio; era ela que assegurava ao vencido a salvação da vida quando reconhecia a derrota e apelava, suplicando, para a fides do seu vencedor. Substituí a lei da força pela da clemência, reconhecia o direito à vida de todos os homens 'de boa-fé', mesmo quando a sorte das armas lhes era adversa.*¹¹

Esta virtude - assentada no devido cumprimento do que foi ajustado entre as partes - é posta em evidência nas passagens em que os personagens, tendo estabelecido um acordo ou um tratado, atuam de modo a honrar ou a desonrar tal compromisso.

A Virtus

É, dentre todas as virtudes anteriormente mencionadas, a mais complexa, visto que encerra inúmeras percepções, gregas e romanas. Uma vez que representa um conjunto de ideias tão variadas, não é possível dispor de uma única e precisa definição

¹⁰ CICERO, *De Officiis*, I,7,23. (O fundamento da justiça é a boa-fé, isto é, a verdade e a constância das palavras nas convenções. Ainda que isso possa talvez parecer forçado, usemos, contudo, imitar os estoicos, que procuram com diligência de onde vêm as palavras e cremos que fé [fides] seja assim nomeada porque se faz [fiat] o que se diz.)

¹¹ GRIMAL, Pierre. *A Civilização Romana*, p.76.

de *Virtus*. Contudo, a atual pesquisa examinará os sentidos do vocábulo sob a ótica virgiliana na *Eneida*. Para isso, julga-se necessário fazer algumas observações antecipadamente no tocante a esse multifacetado conceito.

A etimologia da palavra mostra que *uirtus* provém de *uir* (homem), daí o seu sentido original de *uirtus* como característica própria do homem decente, isto é, do indivíduo que dispõe de boas qualidades. No sentido mais abrangente, a *uirtus* é um atributo daquele cuja índole é justa e correta. A *uirtus* também está relacionada a outros valores, tais como *fides*, *sapientia* e *honor*.

Há noções mais específicas, que se referem aos dois conceitos gregos análogos a esse valor: a *andreia* (valentia) e a *aretê* (excelência). Deste modo, tomando o conceito na primeira acepção grega, afirma-se que a *uirtus* é uma qualidade que somente compete ao varão. Essa virtude geralmente se sobressai num contexto bélico, onde o guerreiro se destaca pelas suas qualidades varonis. A coragem em campo de batalha de um varão que está disposto a morrer pela pátria, por exemplo, é uma tendência do homem de *uirtus*.

O conceito de *aretê* que também se relaciona ao de *uirtus* pode ser traduzido como excelência. Num sentido mais amplo, esta qualidade se manifesta naquele homem capaz de executar com perfeição a sua própria função. Deve-se observar que a noção de excelência não se limita apenas ao plano físico ou material, mas sobretudo ao plano moral ou espiritual. Desta forma, a *uirtus*, no sentido de *aretê*, denota principalmente excelência moral.

Em seus vários estudos de cunho filosófico, Cícero discorre também sobre o termo *uirtus*. Com muita frequência, o autor atribui à *uirtus* o valor correspondente à noção grega da coragem (*andreia*), como se pode observar no fragmento abaixo. Em *Tusculanae Disputationes*, Cícero interpreta a palavra através da sua etimologia, relacionando-a com o conceito de coragem (*fortitudo*), remetendo-se à *andreia* grega:

*Appellata est enim ex viro virtus; viri autem propria maxime est fortitudo, cuius munera duo sunt maxima, mortis dolorisque contemptio.*¹²

Cícero, nas obras de caráter moral, também utiliza o termo *uirtus* com um sentido mais geral, que remete sobretudo à excelência moral, à essência da *aretê* grega.

¹² CICERO, *Tusculanae Disputationes*, 2.43. (A palavra *virtus* deriva de *vir*; entretanto, a coragem é, no mais alto grau, a característica própria do homem, cujas maiores funções são duas: o desprezo da morte e da dor.)

Chega a afirmar, nas *Philippicae*, que a *uirtus* é um atributo da linhagem romana: “*virtus... quae propria est Romani generis et seminis.*”¹³. Neste contexto, o termo não apenas se refere à valentia romana, mas também ao conjunto de boas qualidades morais de que dispõe o homem de *uirtus*.

Do exposto, verifica-se que a noção de *uirtus* vai depender do contexto em que a palavra é empregada. Na *Eneida*, é abundante o seu uso, tanto no sentido específico de *andreia*, quanto na acepção mais geral, que se refere ao conjunto de valores que exprime a moral do *uir bonus*. Importa afirmar que as duas ideias podem estar simultaneamente expressas num mesmo contexto, o que é muito recorrente na epopeia de Virgílio.

¹³ CICERO, *Philippicae*, 4.13. (A virtude... que é própria da linhagem e do sangue Romano.)

6. A REPRESENTAÇÃO DA *PIETAS*, *FIDES* E *VIRTUS* NA *ENEIDA*

Importa reforçar que a *Eneida* manifesta de modo muito perspicaz os pensamentos, as crenças e os juízos morais da sociedade romana do período augustano, conforme se destaca na observação de Maria Helena da Rocha Pereira, que reconhece o épico virgiliano “como um poema de expressão máxima da cultura romana”¹⁴.

Esta pesquisa limita-se a examinar os três valores nos quais se fundamenta o ideal do homem romano¹⁵: a *Pietas*, a *Fides* e a *Virtus* – conceitos que se encontram explícita ou implicitamente desenvolvidos na epopeia de Virgílio. Para esse estudo, foram selecionados para tradução e análise os fragmentos mais reveladores e mais representativos desses conceitos. Convém, agora, apresentar a análise referente a cada valor moral.

6.1 A *Pietas*

O valor mais copioso em exemplos presente na epopeia de Virgílio é a *Pietas*. Este conceito permeia todo o poema, uma vez que a *pietas* é a qualidade por excelência que conduz à ação o herói Eneias. Esta noção pode se manifestar na *Eneida* tanto por meio da caracterização do herói épico feita por outros personagens, quanto pelas ações e pensamentos do próprio Eneias, figura que simboliza neste poema o ideal do homem romano.

Observa-se que a *pietas* é a primeira designação valorativa que faz referência ao herói de Troia, cujo nome só é mencionado pela primeira vez no verso 92. O poeta, na invocação à Musa, faz alusão ao protagonista da narrativa por meio da expressão *insignem pietate uirum*, na qual antecipadamente se revela a sua principal característica:

*Musa, mihi causas memora, quo numine laeso
quidue dolens Regina deum tot uolueret casus
insignem pietate uirum, tot adire labores
impulerit. Tantaene animis caelestibus irae?*

(Virg. *En.* I, v.8-11)

¹⁴ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*, p.242

¹⁵ GRIMAL, Pierre. *A Civilização Romana*, p. 76.

Tradução:

Ó musa, faze-me recordar as causas, que divindade foi ofendida e por que, aflita, a rainha dos deuses obrigou a passar por tantas desgraças, a empreender tantos labores, um varão insigne pela piedade. Acaso há tanta ira em corações celestes?

Conforme se constata nos versos acima, a *pietas* é a marca distintiva de Eneias. Este personagem não simboliza apenas um “*uir*”, mas um “*uir pius*”, o que o torna um homem singular, dotado de grande virtude. Acrescenta-se à sua particular disposição de caráter o fato de que enfrenta, resoluto, penosas circunstâncias (*labores*), instigadas pela cólera de Juno - a poderosa rainha dos deuses - para cumprir a missão divina.

Desde o início do poema, estabelece-se uma forte oposição entre Eneias, a quem se atribui o valor máximo da *pietas* e a deusa Juno, que é frequentemente denominada *saeua* no épico latino. A interrogação expressa no verso 8 sugere de modo sutil a posição contrária do próprio poeta em relação à hostilidade da implacável deusa que investe seus poderes contra o troiano a quem compete a tarefa sagrada de reconstruir uma nova cidade.

A ideia de *labor* está frequentemente relacionada a Eneias, uma vez que para cumprir a sua missão, ele tem de enfrentar muitas desgraças (*casus*), que surgem devido à oposição de Juno. Essa perspectiva está de acordo com PEREIRA, que sustenta que “toda a missão de Eneias é um *labor*”¹⁶. São estas dificuldades (*labores*), na verdade, que o tornam digno de consideração, porque possibilitam que o herói manifeste suas qualidades mais elevadas. Uma das acepções que o termo *labor* apresenta é o “sofrimento”, isto é, o seu sentido está diretamente ligado ao trabalho que exige esforço. Pode-se afirmar que é através desse esforço que Eneias atinge as virtudes, tais como a *honor*, a *gloria*, a *uirtus* e a *pietas*.

A índole do personagem Eneias é formada principalmente pelas suas atitudes, perante circunstâncias contrárias, onde o seu caráter se revela excepcional. Sem se deixar abater pelas inúmeras dificuldades que se colocam diante de si, Eneias, disposto a cumprir a missão enviada pelos deuses e comprometido com a salvação da pátria, encoraja seus companheiros a não sucumbirem diante dos infortúnios.

Após sofrer fatigantes consequências causadas por uma forte tempestade, Eneias reanima os troianos a agirem conforme os destinos:

¹⁶ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*, p. 388.

*Per uarios casus, per tot discrimina rerum
tendimus in Latium, sedes ubi **fata** quietas
ostendunt; illic fas regna resurgere Troiae.
Durate, et uosmet rebus seruate secundis.
Talia uoce refert curisque ingentibus aeger
spem **uoltu** simulabat, premit altum **corde** dolorem.*

(Virg. *En.* I, v.204-209)

Tradução:

Através de várias desventuras, através de tantos perigos, prosseguimos em direção ao Lácio, onde os fados prometem lugares tranquilos; acolá a ordem dos deuses fará ressurgir os reinos de Troia. Continuei e conservei-vos para estas ocasiões favoráveis. Diz tais palavras e, aflito, com enormes preocupações, simula no rosto a esperança, ocultando no coração profunda dor.

Com tais palavras de incentivo, o personagem demonstra uma inabalável confiança nos *fata*. Desde os primeiros versos da *Eneida*, ressalta-se que o herói se subordina ao seu *fatum*, consciente de que cabe aos destinos a glória futura de seu povo. Toda a narrativa põe em foco a questão do cumprimento escrupuloso de Eneias ao que se estabelece pela ordem divina e pelo destino. É justamente a observância deste *fatum* que permitirá que os descendentes do herói troiano erijam um império forte e próspero, o império romano.

É evidente a comoção de Eneias em momentos adversos. Conforme se verifica nos versos anteriores, o protagonista da *Eneida* encerra certa complexidade, uma vez que suas atitudes nem sempre se mostram condizentes com os seus sentimentos. Embora encoraje os companheiros, ele próprio oculta no espírito grande aflição e dor. Nota-se, pois, a complexidade do herói virgiliano, que mesmo sendo um varão forte e valente, demonstra emoção e sensibilidade¹⁷. Tal complexidade se evidencia no texto a partir da relação antitética entre os vocábulos “*uoltu*” e “*corde*”, que reforçam o caráter do personagem, cujos sentimentos não se exprimem na face (*uultus*), mas se ocultam nas profundezas da alma (*cor*).

Uma característica marcante dessa figura heroica é a constante presença da

¹⁷ Sentimentos essencialmente ligados ao ser humano. Donde, pode-se afirmar a *Humanitas* do personagem Eneias.

sensibilidade, o que o difere drasticamente do Aquiles da epopeia grega. Em várias passagens, verifica-se a presença da suscetibilidade de Eneias à face dos acontecimentos. Não obstante, ele demonstra obediência aos deuses, sujeitando-se ao *fatum*. É, pois, um herói que não apenas revela qualidades que afirmam a sua virilidade, como a coragem de um soldado em campo de batalha, mas também mostra ser um homem compassivo, comprometido com a pátria e submisso às ordens divinas, configurando o *uir pius*.

Presume-se que a expressão “*altum dolorem*” refere-se à ruína de Troia - que sucumbiu diante do ataque dos gregos – e aos compatriotas, tanto os que morreram em solo troiano quanto os que perderam sua vida devido ao naufrágio, causado pela fúria de Juno. Todo o seu *labor* se inicia, na verdade, com a derrocada da cidade troiana, momento em que recebe a ordem dos deuses para fugir de Troia, levando consigo os deuses da pátria, sua família e companheiros, a fim de erigir uma nova *urbs*.

O traço moral da *pietas* também se destaca quando Eneias se apresenta para a deusa Vênus, sua mãe, disfarçada de caçadora:

*Sum pius Aeneas, raptos qui ex hoste Penatis
classe ueho mecum, fama super aethera notus.
Italiam quaero patriam et genus ab Ioue summo.*

(Virg. *En.* I, v.378-380)

Tradução:

Sou o piedoso Eneias, que levo comigo, na frota, os Penates tomados ao inimigo, sou reconhecido pela fama além dos céus. Procuro a Itália e a minha pátria, povo do grande Júpiter.

Ao salvar os Penates¹⁸ nacionais dos inimigos gregos e transportá-los em segurança para a Itália, Eneias demonstra o seu respeito tanto pelos deuses quanto pela família, o que ratifica o seu epíteto *pius*. Exercendo a função de *pater familias* e na condição de chefe dos troianos, Eneias se vê na incumbência de salvaguardar os Penates da família e do Estado e restabelecê-los em uma nova pátria. A questão que se enfatiza

¹⁸ Os Penates eram divindades que, juntamente com os Lares, protegiam a casa, resguardando a paz e a prosperidade da família. (Cf. HARVEY, Paul. Dicionário Oxford de Literatura Clássica – grega e latina, p.386.)

nesses versos é o sentimento do dever para com os deuses e para com a pátria (*pietas*). A partir dessa observação, pode-se afirmar que Eneias não mostra ser um simples homem de Troia, mas um varão de distinta reputação, reconhecido pelas façanhas e predestinado a realizar grandes feitos.

Na *Eneida*, o valor da *pietas* está frequentemente ligado à figura de Eneias. Porém, em alguns trechos, essa disposição se estende ao povo de Troia:

*O Regina, nouam cui condere Iuppiter urbem
iustitiaque dedit gentis frenare superbas,
Troes te miseri, uentis maria omnia uecti
oramus: prohibe infandos a nauibus ignis,
parce **pio generi** et propius res aspice nostras.
Non nos aut ferro Libycos populare penatis
uenimus, aut raptas ad litora uertere praedas;
non ea uis animo nec tanta superbia uictis.*

(Virg. *En.* I, v.522-529)

Tradução:

Ó rainha, para quem Júpiter permitiu fundar uma nova cidade e conter com justiça povos soberbos. Nós, infelizes troianos, levados pelos ventos por todos os mares, suplicamos a ti: afasta os incêndios abomináveis das naves, poupa a um povo piedoso e observa de mais perto a nossa situação. Nós não viemos devastar com o ferro os penates líbios ou levar os despojos tomados para o litoral. Tal violência não existe em nosso ânimo, nem há tanta soberba nos vencidos.

Ilioneu que, juntamente com outros teucros, afastou-se de Eneias e de outros companheiros, devido à tempestade, dirige-se à rainha Dido, solicitando-lhe abrigo e hospitalidade. As palavras de Ilioneu indicam que o valor da *pietas*, que tem como *exemplum maximum* Eneias, é um atributo também extensivo à raça troiana. Isto é, o epíteto de Eneias, que lhe é próprio, passa a ser também o grande qualificativo de seu povo (*genus pium*).

O traço moral característico da gente troiana está expresso no verso 529, em que se mostra a disposição de um povo que aspira à paz e reconhece a própria condição de subjugado. Do mesmo modo, Eneias também deseja a paz e se coloca diante das

circunstâncias, subordinando-se à vontade dos deuses e ao *fatum*.

É oportuno apontar que a noção da *fides* encontra-se implícita na passagem acima destacada, uma vez que os troianos, chegando a Cartago na condição de vencidos (*uictis*), procuram estabelecer uma relação pacífica e harmoniosa com os habitantes tírios e a sua rainha. O acolhimento concedido pela rainha dá ocasião à concórdia entre ambos os povos, isto é, à *fides*.

O perfil do personagem é traçado, muitas vezes, pelos julgamentos de personagens secundários. A caracterização de Eneias está destacada na fala de um de seus companheiros:

*Rex erat Aeneas nobis, quo iustior alter
nec pietate fuit, nec bello maior et armis.*

(Virg. *En.* I, v.544-545)

Tradução:

Nosso rei era Eneias, do que ele não houve outro mais justo na piedade, nem maior na guerra e nas armas.

Outros elementos descritivos do herói se encontram nas palavras do personagem Ilioneu, que utiliza os termos *iustior* e *maior*, referindo-se respectivamente aos substantivos *pietate* e *bello et armis*. Os qualificadores *iustior* e *maior* revelam a preeminência de Eneias quanto aos aspectos moral e militar em relação aos demais troianos, o que justificaria o uso do cognome *rex*. Nota-se, portanto, que há dois conceitos manifestos nesses versos: a *pietas* e a *uirtus*. O uso da palavra *nec*, de valor adverbial, parece reforçar o sentido de singularidade do personagem. Isto é, quanto à piedade e às armas, Eneias é único, não havendo outro igual.

Em diversas passagens do canto II, patenteia-se o real desejo de Eneias, que, por vezes, não condiz com a vontade divina. Embora o personagem expresse seu veemente desejo, não deixa de se curvar diante do *fatum*, de modo a reforçar a sua *pietas* para com os deuses. No trecho abaixo, evidencia-se a verdadeira aspiração de Eneias: ficar em Troia, lutar contra os gregos e vingar a morte de seus compatriotas. De fato, quer voltar à cidade em ruínas, lutar e morrer com glória, por amor à pátria. Conforme se constata nos dois trechos seguintes.

*Arma, uiri, ferte arma; uocat lux ultima uictos.
Reddite me Danais; sinite instaurata reuisam
proelia. Numquam omnes hodie moriemur inulti.*

(Virg. *En.* II, v.668-670)

Tradução:

As armas, ó varões, trazei as armas. Uma última luz chama os vencidos. Voltai junto a mim aos Gregos; permiti que eu torne a ver restauradas as guerras. Não morreremos todos hoje sem desforra.

*Arma amens capio; nec sat rationis in armis,
sed glomerare manum bello et concurrere in arcem
cum sociis ardent animi; furor iraque mentem
praecipitat, pulchrumque mori succurrit in armis.*

(Virg. *En.* II, v.314-317)

Tradução:

Pego, desvairado, as armas; não há razão suficiente nas armas, mas arde no meu ânimo o desejo de aglomerar a tropa na guerra e avançar ao ponto mais alto da cidade com os companheiros. O furor e a ira se apoderam da minha mente, vem ao pensamento morrer gloriosamente com as armas.

Conforme se constata nos dois excertos expostos acima, nota-se o destaque dado ao termo *arma*. Através da técnica linguística da repetição, reforça-se o sentido expresso pela palavra. Nos versos 668 e 314, observa-se que o vocábulo *arma* se apresenta em relevo, ocupando a posição inicial e final da frase (v.668) e do verso (v.314).

A partir de um exame mais atento, observa-se que tal vocábulo (*arma*) se associa primeiramente aos termos *manum* e *bello*, e, por extensão de sentido, a *furor*, *ira* e *mori*, que se encontram no mesmo campo semântico. Com o uso de *furor* e *ira*, relacionados ao sentido de *arma*, pode-se inferir que se evidencia uma noção negativa e repulsiva da guerra. De fato, o *furor* e a *ira*, sentimentos que tendem a se manifestar em situações bélicas, fazem com que Eneias sinta o desejo de combater.

Apesar desse *furor* momentâneo que faz com que Eneias evoque o combate, há algumas passagens que evidenciam certa resistência do próprio herói em relação à guerra. Com efeito, todos os valores que o caracterizam confluem para o favorecimento

da paz, conforme se exprime na observação de PEREIRA: “Não esqueçamos ainda que Eneias é, no fundo, um herói da paz, a quem as circunstâncias forçaram à guerra.”¹⁹

A questão da morte também se torna relevante quando se trata de guerra. Nos dois trechos supramencionados, demonstra-se que o próprio herói está disposto a morrer em combate, em prol da pátria. No verso 317, há a referência à bela morte de um combatente, que confere a este uma glória imorredoura. Segundo o pensamento antigo, o fato de um jovem guerreiro morrer em campo de batalha (*mori in armis*) representaria uma honra suprema.

Uma característica muito marcante no personagem heroico de Virgílio é a sensibilidade. A suscetibilidade de Eneias se evidencia através do sentimento de humanidade (*humanitas*), de compaixão, quando o mesmo se depara com o infortúnio alheio. Tal condição se revela no Canto II, quando Eneias vê o corpo já sem vida do rei de Troia, o velho Príamo. O herói lembra-se amargamente da imagem de seu pai moribundo e se recorda, então, da esposa desamparada, do lar desabitado, do filho diante das dificuldades e dos companheiros mortos. Esta sensibilidade se dá devido à *pietas*, ao amor pela família e pelos amigos.

At me tum primum saeuos circumstetit horror.

Obstipui; subiit cari genitoris imago

ut regem aequaeuom crudeli uolnere uidi

*uitam exhalantem, subiit **deserta Creusa***

*et direpta domus et parui **casus Iuli.***

(Virg. *En.* II, v.559-563)

Tradução:

Naquela ocasião, antes de tudo, um horror arrebatado me envolveu. Fiquei atordoado. Sobreveio-me a imagem de meu querido pai quando vi exalando um último suspiro aquele rei de mesma idade, com uma cruel ferida. Veio-me à mente, a solitária Creusa e a casa saqueada e a desventura do pequeno Iulo.

¹⁹ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*, p. 256.

Nestes versos, exprimem-se a sensibilidade de Eneias e a sua devoção familiar (*pietas*). A morte de Príamo, rei de Troia, entenece o chefe troiano, fazendo-o recordar tristes circunstâncias, rememorando-lhe a imagem do pai desfalecido (*imago cari genitoris*), da esposa abandonada (*deserta Creusa*) e da infelicidade do filho (*casus Iuli*). É realçado o sentimento da *humanitas* do personagem, que mesmo sendo um herói épico, sente o *horror* e se comove diante das desgraças.

Há um momento em que Eneias se esquece da missão imposta pelos deuses, devido ao amor que sente pela rainha tíria. Porém, logo é advertido por Mercúrio, a pedidos de Júpiter, para obedecer aos deuses e partir em direção à Itália para fundar a cidade prometida. Apavorado, Eneias acata as advertências do deus supremo e decide fugir, abandonando Dido, para executar sua missão. Mas a rainha descobre a maquinação e, fora de si, exclama:

*Dissimulare etiam sperasti, perfide, tantum
posse nefas tacitusque mea decedere terra?
nec te noster amor nec te data dextera quondam
nec moritura tenet crudeli funere Dido?*

(Virg. *En.* IV, v.305-308)

Tradução:

Esperavas mesmo dissimular, pérfido, tão grande crime e te afastar da minha terra, silencioso? Nem te retém nosso amor, nem a mão direita concedida a ti outrora, nem Dido que há de morrer com cruel morte?

Eneias coloca a sua missão em primeiro lugar, de modo a confirmar que o seu sentimento de devoção aos deuses e à pátria supera o seu amor por Dido (*noster amor*). Pode-se dizer, portanto, que o herói troiano age de acordo com os interesses dos deuses e da pátria, que estão acima dos seus desejos individuais. Eneias é um homem de missão, uma vez que é levado pelo sentimento do dever (*pietas*) e, por isso, tem de abandonar a amada. Tal atitude provoca a ira e o delírio na rainha, que, ao contrário de seu amado, deixa-se dominar pelos sentimentos pessoais, que se excedem e provocam a sua ruína.

No excerto acima, note-se o termo utilizado na fala de Dido como referência a Eneias, o vocativo *perfide*. Este vocábulo tem como raiz o elemento *fides*, que apresenta

como significação geral fidelidade, donde vem boa-fé, juramento, confiança. A este elemento se agrega, modificando-lhe o sentido, a partícula *per* – um prefixo que encerra a ideia de desvio, afastamento. A figura da rainha, já entregue ao furor, insulta o herói, através do vocativo *perfide* (pérfido, que falta à palavra).

O uso desse termo (*perfide*) pode se relacionar tanto à falta da fidelidade amorosa, quanto à falta da fidelidade estabelecida num acordo social. Porém, nesse contexto, seja mais conveniente inferir que a expressão *data dextera* refira-se à hospitalidade concedida por Dido a Eneias e a seus companheiros. Presume-se que o vocábulo *dextera*, nesse caso, representaria um símbolo de fidelidade (*fides*).

O personagem Eneias abandona Dido porque age conforme a vontade divina, que ele coloca acima de todas as coisas. Assim, a submissão do herói, expressa pela noção da *pietas*, é destacada no Canto IV, quando o troiano decide deixar a amada e seguir para a Itália. Nota-se também o seu sentimento patriótico nos versos seguintes, onde o personagem afirma que o seu amor é a pátria. Embora os seus desejos pessoais divirjam da vontade divina (*fata*), a *pietas* é o que predomina em suas decisões:

*Me si fata meis paterentur ducere uitam
auspiciis et sponte mea componere curas,
urbem Troianam primum dulcisque meorum
reliquias colerem, Priami tecta alta manerent,
et recidiua manu posuissem Pergama uictis;
sed nunc Italiam magnam Gryneus Apollo,
Italiam Lyciae iussere capessere sortes:
hic amor, haec patria est. _____*

(Virg. *En.* IV, v.340-347)

Tradução:

Se os destinos me consentissem levar a vida conforme minha vontade e dispor os encargos conforme meu desejo, protegeria, em primeiro lugar, a cidade troiana e os restos dos meus queridos amigos, os altos tetos de Príamo permaneceriam e, com minha mão, poderia construir uma nova Troia para os vencidos. Contudo, agora, Grineu Apolo tem a grande Itália, os oráculos da Lícia ordenaram que eu me dirigisse à Itália. Este é o amor, esta é a pátria.

A tônica desse fragmento é a subordinação do chefe troiano ao *fatum*, o qual a rainha dos deuses, mesmo ciente da inalterabilidade deste, tenta retardar. O *Fatum* se constitui num elemento essencial em toda obra, uma vez que a ação do protagonista está direcionada ao cumprimento dos desígnios do destino e tanto os homens quanto os deuses a estes devem se sujeitar. Juno representa, neste poema, uma força divina que se coloca contra o destino de Eneias e da raça troiana. Júpiter, por sua vez, é o deus supremo que governa de modo a assegurar a observância desses projetos divinos. A vontade do *fatum* é a construção de uma nova cidade no Lácio. Assim, percebe-se que a fundação da poderosa Roma está diretamente relacionada a uma ordem providencial.

Atente-se para esse outro fragmento que indica a sujeição de Eneias ao plano divino. Eneias dirige-se a Dido, justificando sua partida. A expressão “*non sponte*” deixa claro a condição de limitação de Eneias diante de seu *fatum*:

Desine meque tuis incendere teque querelis;

Italiam non sponte sequor.

(Virg. *En.* IV, v.360-361)

Tradução:

Deixa de perturbar a mim e a ti com tuas queixas. Sigo para a Itália, não por minha vontade.

Nos versos a seguir, ressaltam-se a sensibilidade do herói em relação ao sofrimento de Dido, o seu amor pela rainha (*magno amore*) e o prevalente dever para com os deuses (*iussa diuom*) manifestado pela *pietas*:

At pius Aeneas, quamquam lenire dolentem

solando cupit et dictis auertere curas,

multa gemens magnoque animum labefactus amore

iussa tamen diuom exsequitur classemque reuisit.

(Virg. *En.* IV, v.393-396)

Tradução:

Mas o piedoso Eneias ainda que deseje aliviar a dor e desviar as atenções consolando-a com palavras, lamenta muitas coisas e enfraquecido na alma por causa de um grande amor, executa, contudo, as ordens dos deuses e regressa à frota.

No Canto VI, onde abundam as ideias filosóficas, morais e políticas, a dedicação filial de Eneias encontra a sua máxima expressão. Apesar dos inúmeros obstáculos, Eneias, levado pela *pietas*, deseja se encontrar com o pai Anquises. O herói, então, solicita à Sibila de Cumes a permissão para adentrar no submundo e ver seu genitor.

*Vnum oro: quando hic inferni ianua regis
dicitur et tenebrosa palus Acheronte refuso,
ire ad conspectum cari genitoris et ora
contingat; doceas iter et sacra ostia pandas.
Illum ego per flammam et mille sequentia tela
eripui his umeris medioque ex hoste recepi;
ille meum comitatus iter maria omnia mecum
atque omnis pelagique minas caelique ferebat,
inualidus, uiris ultra sortemque senectae.
Quin, ut te supplex peterem et tua limina adirem,
idem orans mandata dabat. Natique patrisque,
alma, precor, miserere (potes namque omnia, nec te
nequiquam lucis Hecate praefecit Auernis),
si potuit manis accersere coniugis Orpheus
Threicia fretus cithara fidibusque canoris,
si fratrem Pollux alterna morte redemit
itque reditque uiam totiens. Quid thesea magnum,
quid memorem Alciden? et mi genus ab Ioue summo. (Virg. En. VI, v.106-123)*

Tradução:

Eu peço uma única coisa: visto que aqui, como dizem, é a passagem do rei infernal e o tenebroso pântano do transbordante Aqueronte, cabe-me ir à presença de meu querido pai na região. Que tu ensines a mim o caminho, e abras as portas sagradas. Por entre as chamas e mil dardos seguidores, arranquei-o com estes ombros e o retirei do meio dos inimigos. Ele, inválido, além das forças e da condição da velhice, acompanhando-me na viagem, suportou comigo todos os mares e todas as ameaças do mar e do céu. E até ele próprio, pedindo, dava as ordens, para que eu, suplicante, viesse até suas moradas. Suplico, ó venerável divindade, tem compaixão do filho e do pai (de fato, tu podes tudo, Hécate não te pôs a frente nos bosques sagrados do Averno sem motivo), se Orfeu pôde

ir buscar os Manes da esposa, confiado na lira trácia e em seus sons harmoniosos; se Polux resgatou o irmão através da morte alternada e foi e voltou diversas vezes por essa via. Por que lembrar o grande Teseu e Alcides? E eu sou descendente do supremo Júpiter.

A alusão à *pietas* se evidencia, quando se descreve nos versos 110-114 a imagem de Eneias que salva o pai, carregando-o em suas costas. O caráter pitoresco da passagem se deve à descrição pormenorizada do poeta ao narrar as dificuldades que Eneias teve de ultrapassar para proteger o próprio pai.

Deve-se observar o caráter especial de Anquises, que mesmo enfermo, suportou todos os *labores* da fuga e da viagem junto ao filho. Essa figura que representa o pai do herói troiano desempenha um papel de grande importância em toda a epopeia, uma vez que é através dele que Eneias conhecerá a história de seus descendentes e de Roma.

Buscando permissão para a descida aos infernos, o herói se refere a outros mortais que chegaram a caminhar no mundo dos mortos. Nessa passagem rica em alusões mitológicas, ressaltam-se as lendas de Orfeu e Eurídice, de Castor e Pólux e de Teseu e Alcides (Hércules). Ao final, Eneias reporta-se à própria ascendência divina, como filho de Anquises e de Vênus, neto de Júpiter.

A fim de convencer Caronte a transportar o troiano para o outro lado do rio, a sacerdotisa de Apolo, salientando as principais qualidades de Eneias, esclarece que o herói tem a anuência dos deuses e o ramo de ouro. Só então, o horrendo barqueiro dos Infernos – Caronte, que transporta as sombras dos mortos para além do Estige e do Aqueronte – recebe-o em seu barco. Neste excerto, destacam-se os valores da *pietas* e da *uirtus* do personagem:

Troius Aeneas, pietate insignis et armis,
ad genitorem imas Erebi descendit ad umbras.
Si te nulla mouet tantae pietatis imago,
at ramum hunc (aperit ramum qui ueste latebat)
“agnoscas”. Tumida ex ira tum corda residunt.

(Virg. *En.* VI, v.403-407)

Tradução:

O troiano Eneias, insigne pela piedade e pelas armas, dirige-se às sombras profundas do Erebo para ver o pai. Se não te impressiona a imagem de tanta piedade, todavia este ramo (mostra o ramo que estava escondido no traje), reconheces. Então, os corações intumescidos de ira se acalmam.

A expressão “*pietate insignis et armis*” é um aposto recorrente no poema, especialmente utilizado para ressaltar a superioridade de Eneias quanto à piedade (*pietas*) e à coragem (*uirtus*). Como se pode notar, o termo *arma* geralmente se refere à disposição viril do herói na guerra, onde o personagem pode demonstrar sua coragem e sua excelência no manejo das armas. Deste modo, é possível afirmar que o termo *arma*, através de um processo metonímico, é utilizado nesta epopeia, muitas vezes, como sinônimo de *bellum*.

O que conduz Eneias a agir é a sua *pietas*, como anteriormente afirmado. Embora o personagem demonstre, em alguns momentos, seus desejos e anseie em realizá-los, seus projetos pessoais não se efetivam. Eneias se coloca à disposição dos deuses (*Fatum*), cujos interesses são prioridade.

Na descida aos infernos, Eneias encontra a suicida Dido nos Campos das Lágrimas. O herói mostra-se indignado com o fato de a rainha ter tirado a própria vida. Nos versos abaixo, o troiano novamente resalta que abandonou a rainha devido ao sentimento de obrigação para com os deuses, evidenciado pelo uso do vocábulo *inuitus*.

*Infelix Dido, uerus mihi nuntius ergo
uenerat exstinctam ferroque extrema secutam.
Funeris heu tibi causa fui? Per sidera iuro,
per superos et si qua fides tellure sub ima est,
inuitus, regina, tuo de litore cessi.*

(Virg. *En.* VI, v.456-460)

Tradução:

Ó infeliz Dido, era então verídica a mensagem que tinha chegado para mim que estavas morta e que tomaste resoluções desesperadas com o ferro? Ai, fui eu a causa da tua ruína? Pelos astros, eu juro, pelas divindades celestiais e se de algum modo há

fidelidade sob a terra profunda, forçado, ó rainha, retirei-me de teu porto.

Nota-se a comoção de Eneias diante da morte de Dido – sua amada. O uso da interjeição *heu* e a pergunta retórica tornam mais evidentes a indignação e a dor do herói, que imputa culpa a si mesmo pela desgraça da rainha tária. Intensificam-se uma vez mais a sensibilidade humana e o singular sentimento de devoção aos deuses do personagem heroico.

Chegando aos Campos Elísios, Eneias se encontra com o pai, que confirma que o filho é um *uir pius*:

*Venisti tandem, tuaque exspectata parenti
uicit iter durum pietas? Datur ora tueri,
nate, tua et notas audire et reddere uoces?*

(Virg. *En.* VI, v.687-689)

Tradução:

Vieste finalmente, e a tua piedade, esperada por teu pai, venceu o difícil percurso? Foi-me permitido ver tuas expressões, ó filho, não só ouvir tua conhecida voz como também responder-te?

Pode-se afirmar que o efeito sonoro da aliteração nos versos acima confere mais intensidade às palavras que indicam admiração e entusiasmo do personagem Anquises em relação à chegada do filho ao mundo subterrâneo (*Venisti tandem, tuaque exspectata parenti / uicit iter durum pietas? Datur ora tueri, / nate, tua et notas audire et reddere uoces?*). Observa-se que durante toda a narrativa, o poeta põe em foco os reveses e as circunstâncias desfavoráveis que envolvem o protagonista de modo a valorizar ainda mais os feitos deste. Percebe-se ainda que o sentido de *labor*, disposição constante do herói virgiliano, está contido no uso da expressão *iter durum* no verso 688 do Canto VI.

Ao expor o motivo que fez com que persistisse no propósito de descer aos infernos, Eneias ratifica a sua *pietas*, já anunciada pelo pai:

*Ille autem: 'Tua me, genitor, tua tristis imago
saepius occurens haec limina tendere adegit;'*

(Virg. *En.* VI, v.695-696)

Tradução:

Ele disse em seguida: ‘Tua imagem, pai, tua triste imagem que, ocorrendo-me frequentemente, fez com que eu me dirigisse para essas moradas.’

A questão da *pietas* está claramente manifestada no final do Canto X. Eclodida a guerra entre latinos e troianos, o número de guerreiros mortos aumenta. Eneias dá cabo de um monte deles, dentre os quais se destaca Lauso. A cena de que se trata refere-se à morte de Lauso, cuja ação foi digna de menção e de louvor do próprio poeta Virgílio nos versos 791-793 do Canto X²⁰.

O amor incondicional de Lauso por seu pai Mezêncio é um exemplo de devoção filial que merece destaque. A *pietas*, nessa passagem, refere-se ao personagem Lauso, que, colocando em risco sua própria vida, põe-se no meio do combate diante da espada de Eneias, a fim de proteger o pai já ferido. Diante de tal circunstância, o próprio Eneias, enfurecido pela fuga de Mezêncio, enterra a espada no corpo de Lauso. Não obstante, o chefe troiano chega a lamentar a morte de um jovem cujo caráter se mostra tão honroso pela sua *pietas*:

*At uero ut uoltum uidit morientis et ora,
ora modis Anchisiades pallentia miris,
ingemuít miserans grauiiter dextramque tetendit
et mentem patriae subiit pietatis imago.
‘Quid tibi nunc, miserande puer, pro laudibus istis,
quid pius Aeneas tanta dabit indole dignum?
Arma, quibus laetatus, habe tua; teque parentum
manibus et cineri, si qua est ea cura, remitto.
Hoc tamen infelix miseram solabere mortem:
Aeneae magni dextra cadis’.*_____

(Virg. *En.* X, v.821-830)

Tradução:

Mas, na verdade, quando o filho de Anquises viu o semblante e o aspecto do

²⁰ “Hic mortis durae casum tuaque optima facta, si qua fidem tantost operi latura uetustas, non equidem nec te, iuuenis memorande, silebo.” (X,791-793) – Não silenciarei, aqui, a ocasião de uma dura morte e teus notáveis feitos, se de algum modo a posteridade poderá acreditar em tão grande façanha, nem silenciarei a ti, ó jovem digno de ser lembrado.

moribundo, o rosto pálido de modo assombroso, consternou-se, lamentando-se intensamente, estendeu a mão direita e veio à mente a imagem da piedade paterna. ‘O que o piedoso Eneias te dará agora, ó infeliz jovem, diante desses méritos, o que te dará que seja digno de tão boa índole? Fica com tuas armas, com as quais te alegraste. Entrego-te aos manes e às cinzas de teus pais, se de algum modo há esta preocupação. Contudo, ó infeliz, isso consolará tua lamentável morte: morres pela mão do grande Eneias.

No fragmento exposto acima, em que implicitamente também se representam a *uirtus* e a *humanitas* do herói épico, nota-se que Eneias se sensibiliza com a morte do jovem Lauso, através do uso do verbo *ingemuit*. Esse sentimento de pesar expresso pelo chefe troiano se deve à devoção de Lauso para com seu pai, digna de consideração. De fato, é a *pietas* de Lauso (*patriae pietatis imago*) que enternece o coração de Eneias e faz com que ele conceda ao inimigo moribundo o direito de ser sepultado com as armas que lhe são devidas.

Através desse episódio, é possível observar que a natureza do herói virgiliano diverge em muitos aspectos da do homérico. O herói *pius* da *Eneida* mostra-se inclinado a lamentar a morte do inimigo e é capaz de demonstrar respeito para com este, conforme se observa nos versos acima. O herói homérico, por sua vez, não se mostra propenso a compadecer-se de seu oponente. Demonstra, antes, soberba e vanglória diante da morte alheia e pode chegar até mesmo a ultrajar o cadáver do inimigo.

6.2 A *Fides*

Conforme apresentado no capítulo anterior, que trata da conceituação dos valores romanos, a *Fides* se constitui numa disposição de comprometimento mútuo na observância de um tratado. É um juramento que tende a assegurar a harmonia entre os homens e entre os povos.

Um dos exemplos mais significativos da *fides* está no Canto II, em que Eneias, ao narrar sobre a guerra de Troia para Dido, relata o episódio do grego impostor que, com má-fé, persuade o rei Príamo a acolhê-lo em seu reino. Através de um discurso artificioso, o grego Sinon se utiliza de estratégias para facilitar a entrada do Cavalo na cidade de Troia. Observe o trecho a seguir:

*Quod te per superos et conscia numina ueri,
per si qua est quae restet adhuc mortalibus usquam
intemerata fides oro, miserere laborum
tantorum, miserere animi non digna ferentis.*

(Virg. *En.* II, v.141-144)

Tradução:

Por isso, rogo-te pelos deuses superiores e pelas divindades cômicas da verdade, pela incorruptível fidelidade, se ainda resta de algum modo aos mortais, tem compaixão de tantas desgraças, tem compaixão de um coração que sofre coisas não dignas.

Essas são as últimas palavras do primeiro discurso fingido de Sinon. Fazendo-se de vítima, o grego suplica a consideração e o amparo do rei de Troia. Em nome dos deuses (*per superos et conscia numina*), implora a compaixão dos troianos. Para que suas palavras se tornem mais convincentes e seu discurso mais crível, o impostor grego apela para a *fides*.

Na verdade, o que se constata nessa passagem é a negação da *fides*, uma vez que o personagem emprega o termo de modo desleal. De fato, Sinon teve êxito em seu propósito, uma vez que Príamo, disposto à *fides* e à *clementia*, acredita em suas palavras e acolhe o cavalo cujo ventre esconde cinquenta guerreiros.

A ruína de Troia se dá por causa da astúcia insidiosa dos gregos, que vencem os troianos sobretudo pela força da palavra. Deste modo, Sinon se utiliza falsamente da *fides* de Príamo, um valor tão caro aos troianos, para o total aniquilamento de Troia. Através desse episódio, Eneias mostra para Dido a *perfidia* (falta da palavra, deslealdade) do povo grego.

Outra referência dada à *fides* encontra-se no Canto VII da *Eneida*. Os teucros chegam, enfim, às terras prometidas pelos deuses: a Itália. Sob a ordem de Eneias, cem embaixadores são enviados para a cidade do rei Latino, a fim de estabelecerem uma aliança com o povo ausônio, fixando aí uma nova morada, uma nova Troia. O rei os recebe em seu palácio e lhes pergunta qual é o motivo que os traz às suas plagas. Então, Ilioneu expõe sobre as provações pelas quais passaram devido à ruína de Troia e fala sobre a descendência divina da estirpe dardana. O companheiro de Eneias deixa claro que sua gente é inofensiva e não oferece perigo para os latinos:

*Non erimus regno indecores, nec uestra feretur
fama leuis tantique abolescet gratia facti,
nec Troiam Ausonios gremio excepisse pigebit.
Fata per Aeneae iuro **dextramque potentem**,
siue **fide** seu quis **bello** est expertus et **armis**:*

(Virg. *En.* VII, v.231-235)

Tradução:

Não seremos indignos de seu reino, nem vossa boa fama será levada e nem a graça de tão grande feito acabará, nem o ausônio se lastimará de ter recebido Troia em seu seio. Eu juro pelos fados e pela poderosa mão de Eneias, que cada um submeteu à prova quer no juramento, quer na guerra e nas armas...

Ilioneu, a fim de convencer Latino a firmar uma aliança com os teucros, salienta, no seu juramento, duas qualidades: a *fides* e a *uirtus*. Cabe atentar para o uso de *dextram potentem*, em que o personagem faz referência à mão direita do chefe troiano (e por extensão de sentido, ao braço). A mão direita (*dextra manus*) representaria, para os romanos da antiguidade, um símbolo de lealdade.

Aqui, presume-se que haja dois sentidos para o uso desse mesmo vocábulo (*dextra*). Quando relacionado ao termo *fide*, apresenta-se um sentido de “firme observância de um pacto”, isto é, fidelidade no cumprimento de um acordo, noção expressa pela *fides*. Já quando se refere aos vocábulos *bello* e *armis*, imprime-se uma nova significação à palavra: *dextram* não mais representaria um símbolo de fidelidade, mas um símbolo de força e habilidade, nas guerras e nas armas, valor marcado pela *uirtus*.

A negação da *fides* novamente aparece no Canto VII. A deusa Juno, contrariada pelos fados e transtornada com a aliança estabelecida entre troianos e latinos, incita a pavorosa deusa infernal Alecto a semear a discórdia entre os povos associados:

*Tu potes unanimos armare in proelia fratres
atque odiis uersare domos, tu uerbera tectis
funereasque inferre faces, tibi nomina mille,
mille nocendi artes. Fecundum concute pectus,
disice compositam pacem, sere crimina belli;
arma uelit poscatque simul rapiatque iuuentus.*

(Virg. *En.* VII, v.335-340)

Tradução:

Tu podes armar para entrar em rivalidade irmãos que estão em concórdia e agitar os lares com o ódio, tu podes levar ataques e tochas funestas para as casas, tens mil razões, mil artifícios para prejudicar. Abala teu fecundo peito, destrói a paz combinada, semeia os crimes da guerra, que a mocidade deseje as armas, e igualmente as reclame e as agarre.

O valor da *fides*, como exposto anteriormente, é o que assegura a harmonia entre os homens. Nesta passagem, o que se configura é o desejo de Juno de anular a *fides*, condição prenunciada entre Latino e Eneias. Contrária aos destinos, Juno deseja que a *fides* - a paz selada (*compositam pacem*) entre o chefe troiano e o rei ausônio - seja destruída e para isso incita uma divindade infernal a criar situações que justifiquem uma guerra (*crimina belli*).

Em diversas passagens, a deusa Juno demonstra sua inimizade em relação à raça troiana, atuando como difusora da discórdia, através de seus poderes divinos. Deste modo, é contra a *fides* entre troianos e outros povos que a deusa irá investir. Uma vez que a *fides* simboliza a harmonia e a paz, a sua ausência, por conseguinte, acarreta a desarmonia e a guerra.

No Canto VIII, Eneias apela para a *fides*, quando objetiva tornar os árcades seus partidários. Acatando os conselhos do deus Tíbre, Eneias se dirige à cidade do rei Evandro a fim de buscar alianças na guerra contra os latinos. Ao chegar ao reino, o chefe troiano expõe ao rei árcade a hostilidade dos rútuos e lhe propõe um tratado:

*Accipe daque fidem. Sunt nobis fortia bello
pectora, sunt animi et rebus spectata iuventus.*

(Virg. *En.* VIII, v.150-151)

Tradução:

Aceita e dá a lealdade. Temos vigoroso peito na guerra e temos uma juventude experimentada nas questões de coragem.

Nos versos acima destacados, verifica-se uma referência explícita à *fides*:

“*Accipe daque fidem*”²¹. A reciprocidade é um caráter próprio dessa virtude, uma vez que esta se constitui numa disposição que só se legitima quando as partes envolvidas estão mutuamente comprometidas num acordo. A violação desse pacto acarreta, pois, a dissolução da *fides*.

Novamente, põem-se em relevo traços distintivos do guerreiro troiano, de maneira a exaltar suas qualidades. Em *fortia pectora*, há uma referência à coragem do soldado troiano no combate. Tal expressão aparece frequentemente no épico virgiliano, apresentando o sentido próprio da *uirtus* romana, que se assemelha à *andreia* grega. Assim como os vocábulos *pectus* e *cor*, o termo *animus*, nessa epopeia, também pode se referir à coragem, como se constata no trecho acima traduzido.

Evandro aceita a proposta de aliança feita por Eneias, tornando efetiva, deste modo, a noção da *fides*:

_____ *Vt te, fortissime Teucrum,*
accipio agnoscoque libens! ut uerba parentis
et uocem Anchisae magni uoltumque recordor!

(Virg. *En.* VIII, v.154-156)

Tradução:

Como te aceito e te reconheço de boa vontade, ó valentíssimo teucro! Como me recordo das palavras e da voz de teu pai e o semblante do grande Anquises!

Antes de analisar os trechos seguintes, que correspondem aos últimos versos da *Eneida*, considera-se relevante expor brevemente algumas observações, a partir de um estudo comparativo, a respeito do perfil de Eneias e de Turno, cujas características são bem definidas no texto de Virgílio.

Nessa epopeia, Eneias, uma vez que representa o ideal do homem romano, é um personagem no qual se delineiam praticamente todas as virtudes romanas. Contudo, a sua maior expressão é a *pietas*, principalmente nos seis primeiros cantos da obra. A complexidade do personagem se revela a partir de sua sensibilidade, da sua *humanitas* e da sua *pietas*. Eneias, pois, é uma figura humanizada, cujas ações estão diretamente

²¹ A mesma expressão é encontrada nos *Anais* de Ênio. Este estabelece uma relação entre as palavras *fides* e *foedus*, como se pode observar nesse fragmento: “*Accipe daque fidem foedusque feri bene firmum*” (Ênio, apud PEREIRA, p. 321) (Recebe e dá a fidelidade e conclui um tratado bem firme).

ligadas ao *fatum* (destino).

A figura de Turno, por sua vez, é descrita, com bastante frequência, a partir de símiles com o mundo selvagem. Em muitos momentos, suas atitudes se assemelham às do lobo, do leão e do touro, animais que demonstram força bruta e representam intensa ferocidade. Virgílio, a partir dessas comparações, intensifica ainda mais o *furor* e a *uiolentia* de um personagem bruto e irracional. De fato, o *furor* e a *uiolentia* de Turno se contrapõem à *pietas* e à *humanitas* de Eneias.

Exposto isso, convém agora analisar o trecho a seguir. É chegada a hora da luta entre Eneias e Turno. O chefe rútilo não mais resiste, demonstra fadiga e percebe que o destino não lhe é favorável. Turno, vendo-se diante de uma situação difícil, sem forças para lutar contra o inimigo e sem mais auxílio divino, hesita. Então, Eneias atira o dardo e fere a coxa do adversário.

*Ille humilis supplex oculos dextramque precantem
protendens: 'Equidem merui nec deprecor' inquit;
'utere sorte tua. Miseri te si qua parentis
tangere cura potest, oro (fuit et tibi talis
Anchises genitor), Dauni miserere senectae
et me seu corpus spoliatum lumine mauiis
redde meis. Vicisti et uictum tendere palmas
Ausonii uidere; tua est Lauinia coniunx,
ulterius ne tende odiis.'* _____

(Virg. *En.* XII, v.930-938)

Tradução:

Ele, humilde e suplicante, levantando os olhos e a mão como um pedinte: “Certamente, mereci, não insisto.”, diz. “Serve-te da tua sorte. Se de algum modo pode te comover o cuidado de um pai infeliz, suplico (tal como o pai Anquises foi para ti), tem compaixão da velhice de Dauno e restitui-me aos meus, ou se preferes, restitui meu corpo sem vida. Venceste e os ausônios viram um vencido te estender as mãos. Lavínia é a tua esposa, não prolongues mais com o teu ódio.

Nesse momento, Turno, o personagem que antes era um *uir impius*, bruto e feroz tal como um leão, suplica a clemência do inimigo, reconhecendo a própria condição de

inferioridade, acentuada pelos vocábulos *humilis* e *supplex*. A fim de obter a clemência do inimigo, Turno apela para a imagem paterna, de modo que Eneias, através de sua *pietas*, se comova pela lembrança do pai Anquises. Do mesmo modo, Turno invoca a *fides* de Eneias, quando lhe suplica a clemência, colocando-se numa situação de subordinação.

Por um momento, o herói, devido a sua própria *humanitas*, hesita diante das comoventes palavras de Turno. Contudo, Eneias nota que o rútilo traja o cinturão do amigo árcade, cuja morte lhe causara um intenso pesar. Então, uma cólera incontrolável apodera-se de seu espírito. Este é o momento em que a *fides* de Eneias para com Palante supera a *clementia* do troiano para com Turno. Esse episódio refere-se aos últimos versos da *Eneida*:

_____ ‘*Tunc, hinc spoliis indute meorum
eripiare mihi? Pallas te hoc uolnere, Pallas
immolat et poenam scelerato ex sanguine sumit.*’
*Hoc dicens ferrum aduerso sub pectore condit
feruidus. Ast illi soluontur frigore membra
uitaque cum gemitu fugit indignata sub umbras.*

(Virg. *En.* XII, v.947-952)

Tradução:

“Acaso tu escaparias de mim vestido com os despojos dos meus? Palante te imola com este golpe, Palante se encarrega do castigo do teu sangue criminoso”. Dizendo isto, enterra, impetuoso, o ferro no peito inimigo. Então, as partes do corpo se rompem no frio e, com um gemido, a vida foge indignada para as sombras.

A *fides*, ainda que não mencionada explicitamente, está contida nesses últimos versos da *Eneida*. A fala de Eneias deixa evidente que o motivo que o leva a matar Turno está assentado na noção da *fides*. Pode-se dizer que é justamente a *fides* de Eneias em relação a Palante, isto é, o compromisso de lealdade e o pacto tácito de amizade firmado entre ambos, que faz com que o herói decida imolar Turno.

6.3 A *Virtus*

Como exposto no capítulo 5 desta pesquisa, a *Virtus* é um conceito que engloba vários significados. Neste capítulo, o sentido da palavra se dá sobretudo através do contexto em que a mesma é empregada. Importa assinalar que o valor predominante da *uirtus* no épico virgiliano está relacionado aos conceitos gregos da *andreia* (valentia) e da *aretê* (excelência), abundantes nos cantos que se referem à guerra.

Em muitas passagens, a caracterização do herói é realizada pelo julgamento de outros personagens. No Canto IV, a rainha Dido fica admirada com a narrativa de Eneias - em que ele expõe suas façanhas e suas aventuras - e diz à irmã:

*Anna soror, quae me suspensam insomnia terrent!
quis **nouos** hic nostris successit sedibus **hospes**,
quem sese **ore** ferens, quam **forti pectore et armis!**
Credo equidem, nec uana fides, **genus esse deorum.***

(Virg. *En.* IV, v.09-12)

Tradução:

Ó minha irmã Ana, que pensamentos causam medo a mim, indecisa. Que hóspede estranho veio para nossas moradas, que expressão traz no rosto, tanto quanto traz no valoroso peito e nas armas! Creio certamente, não é uma vã consciência, que ele é descendente de deuses.

Dido descreve Eneias (*nouos hospes*), ressaltando as suas qualidades através dos vocábulos *ore*, *pectore* e *armis*. O caráter físico de Eneias está expresso em *ore*, vocábulo que apresenta, neste trecho, o significado de face, olhar, aspecto, expressão fisionômica. Já a sua disposição moral está evidente na expressão *forti pectore*, significando nobres e valorosos sentimentos no coração (*pectus*). Esta mesma expressão pode denotar também uma disposição virtuosa na guerra, significando coragem. Em *armis*, encontram-se dois aspectos: o físico e o moral. No sentido concreto da palavra, ressalta-se o caráter físico, em que Eneias se destaca pela força e pelo manejo das armas; no sentido abstrato, de cunho eminentemente moral, revela-se o valor que se refere à valentia e à coragem em campo de batalha (*uirtus*). E, por fim, a partir das

evidências, Dido infere que Eneias tem ascendência divina (*genus deorum*), o que torna o personagem distinto e magnânimo.

Outra referência à *uirtus* é dada no Canto V. Ao aparecer para Eneias, Anquises aconselha o filho a dirigir-se para a Itália em companhia de valorosos guerreiros. Note-se que o substantivo *corda*, cujo sentido vem reforçado pelo superlativo *fortissima*, apresenta a noção de intrepidez (sendo, neste contexto, o coração sede da coragem) e está, portanto, relacionado à *uirtus*. Com efeito, é à *uirtus* que o pai do herói exorta. O sentido de *fortissima corda*, aposto referente ao objeto direto *lectos iuuenes*, não se restringe apenas à disposição física, estende-se sobretudo à condição moral dos soldados troianos.

_____ *lectos iuuenes, fortissima corda,*
defer in Italiam; _____

(Virg. *En.* V, v.729-730)

Tradução:

Leva para a Itália jovens distintos, de valente coração.

E Eneias assim o fez. Os soldados troianos que partem rumo à Itália com o filho de Anquises se destacam pelo valor da *uirtus*. No verso que se segue, depreende-se que o termo encerra a noção de coragem e disposição em combate: *uiuida uirtus* (enérgica virtude). O poeta ainda ressalta que o valor supera a quantidade:

Exigui numero, sed bello uiuida uirtus.

(Virg. *En.* V, v.754)

Tradução:

Eram poucos em quantidade, mas de vigorosa virtude na guerra.

No canto referente à catábase de Eneias ao mundo subterrâneo, Virgílio destaca os homens que em vida desrespeitaram os bons costumes, prejudicando os outros com seus crimes. Devido as suas faltas, esses indivíduos, ao morrer, ficam presos no Tártaro, sofrendo os castigos infligidos pelos deuses. Nessa passagem, o poeta critica os vícios humanos, revelando que os criminosos não ficam impunes quando expiram.

*Hic, quibus inuisi fratres, dum uita manebat,
pulsatusue parens et fraus innexa clienti,
aut qui diuitiis soli incubuere repertis
nec partem posuere suis (quae maxima turba est),
quique ob adulterium caesi, quique arma secuti
impia nec ueriti dominorum **fallere dextras**,
inclusi poenam exspectant.* _____

(Virg. *En.* VI, v.608-614)

Tradução:

Neste lugar, esperam a punição, aqueles que, em vida, invejaram os irmãos, ou então, feriram os pais e enganaram o cliente, ou aqueles que, sozinhos, guardaram riquezas encontradas e não as partilharam com os seus (que compõem a maioria) e os que foram mortos por causa de adultério, ou os que adotaram armas ímpias e não hesitaram em violar os tratados de seus senhores.

Do ponto de vista do poeta, o desrespeito à família (*fratres/parens*) constitui-se numa falta, assim como a fraude (*fraus*) cometida contra um cliente (ou, por extensão de sentido da palavra, contra um amigo). A desonra nas relações familiares configuraria, pois, a falta de *pietas*. Constituem-se, do mesmo modo, num crime, acumular riquezas sem as partilhar, cometer adultério, combater injustamente e trair seu senhor.

Convém destacar a referência à falta da *fides* através da expressão *fallere dextras*. Observe-se o emprego do verbo *fallere* - que apresenta o sentido de enganar, trair, violar - complementado pelo objeto direto *dextras*, cuja referência está subentendida (*manus*). É evidente a importância simbólica da mão direita como sinal de fidelidade. Em várias passagens, Virgílio deixa claro que a mão direita (*dextra manus*) – termos que aparecem com muita frequência na narrativa – representa um símbolo de lealdade, isto é, da *fides*. Assim, *fallere dextras* traduz-se por violar tratados, isto é, quebrar um juramento ou faltar à *fides*.

Virgílio não só critica os maus hábitos que levam os homens para o crime, mas também exalta as virtudes e os homens de bem, aqueles que, em vida, se dedicaram à pátria e aos deuses. Estes, bem-aventurados, habitam lugares aprazíveis nos Campos Elíseos:

*Hic manus ob patriam pugnando uolnera passi,
quique sacerdotes casti, dum uita manebat,
quique pii uates et Phoebos digna locuti,
inuentas aut qui uitam excoluere per artis
quique sui memores aliquos fecere merendo:
omnibus his niuea cinguntur tempora uitta.*

(Virg. *En.* VI, v.660-665)

Tradução:

Aqui, estão os soldados que, lutando pela pátria, suportaram as feridas e os que foram, em vida, sacerdotes virtuosos ou os que foram piedosos poetas e que falaram coisas dignas de Febo, ou os que honraram a vida através das artes inventadas e os que fizeram por merecer as lembranças dos outros: as cabeças de todos estes são revestidas por uma clara fita.

Nesse fragmento, figuram-se as qualidades da *uirtus* e da *pietas*. De início, são louvados os soldados (*manus*) que dedicaram sua vida à pátria e lutaram sem cessar, apesar das feridas. Em seguida, sublinham-se os sacerdotes (*sacerdotes*), homens que se devotaram inteiramente aos deuses. Logo, exaltam-se os poetas notáveis pela *pietas* (*pii uates*), ou seja, aqueles que ofereceram suas artes para o bem da família, da pátria e dos deuses.

A *uirtus*, no poema virgiliano, não é uma disposição que pertence apenas ao herói de Troia, apesar de este protagonizar o maior exemplo de *uirtus*. Muitos outros soldados também dispõem dessa condição, basta que estejam dispostos a lutar com valentia e com excelência. Dentre os personagens secundários que se destacam pela sua *uirtus*, estão Niso, Euríalo, Palante e Lauso.

Há um trecho em que Turno, dirigindo-se ao seu adversário, de modo sarcástico, faz referência à *uirtus*. A partir de uma análise mais atenta do personagem, verifica-se que também ele é um grande exemplo de *uirtus*, uma vez que se destaca como um valoroso guerreiro, de inabalável valentia e grande habilidade no manejo das armas.

Conhecendo a sua superioridade em combate, Turno, com uma ironia insultuosa, incita Pândaro, soldado troiano, a enfrentá-lo:

*Olli subridens sedato pectore Turnus:
‘Incipe, si qua animo uirtus, et consere dextram,*

hic etiam inuentum Priamo narrabis Achilem’.

(Virg. *En.* IX, v.740-742)

Tradução:

Turno, com o coração tranquilo, sorrindo, disse-lhe: “começa, se há alguma virtude na alma, e trava combate, dirás a Príamo que aqui também se encontra um jovem Aquiles”.

Atente-se para a comparação que o personagem estabelece entre si próprio e Aquiles. Essa comparação remete sobretudo à força e à coragem do herói homérico. A *uirtus* a que Turno se refere é a coragem do soldado frente ao inimigo. Cabe destacar que enquanto a valentia (*uirtus*) de Turno é motivada pelo seu *furor*, a coragem (*uirtus*) de Eneias é movida pela sua *pietas*. Observa-se que, na *Eneida*, a representação da *uirtus* do herói Eneias, com frequência, está acompanhada de outro valor, a *humanitas*.

É relevante observar que a figura de Turno representa a bravura egoísta, o que difere radicalmente das virtudes de Eneias, que estão geralmente ligadas a um fator público e social²². O que leva Turno a lutar são o seu próprio orgulho e o seu desejo individualista de glória; já o que leva Eneias a combater é a sua *pietas* e o seu amor pela pátria. A brutalidade de Turno pode ser comprovada pelo uso frequente de palavras que se referem a ele: *insania*, *uiolentia*, *audax*, *superbus*, *furor* e *ira*.

A exortação à *uirtus* também pode ser observada nas palavras de Palante, filho de Evandro - rei dos árcades, que encoraja os soldados a lutarem:

*‘Quo fugitis, socii? Per uos et fortia facta,
per ducis Euandri nomen deuictaque bella
spemque meam, patriae quae nunc subit aemula laudi,
fidite ne pedibus. Ferro rumpenda per hostis
est uia; qua globus ille uirum densissimus urget,
hac uos et Pallanta ducem patria alta reposcit.
Numina nulla premunt, mortali urgemur ab hoste
mortales; totidem nobis animaeque manusque.*

²² Conforme R. Deryck Williams: “Sin embargo, a pesar de todo esto hay aspectos de Turno que nos repelen. Representa la valentia personal, el individualismo irresponsable, la energía bárbara en contraste con las virtudes públicas y sociales que Eneas muestra o trata de mostrar. Es orgulloso y violento (la palabra *uiolentia* se le aplica solo a él en la *Eneida*) en contraste con los intentos de Eneas de mostrar control.” (*La Eneida* in: KENNEY e CLAUSEN. *Historia de la literatura clásica*. Madrid: Gredos, [s.d.], p.395)

*Ecce maris magna claudit nos obice pontus;
dest iam terra fugae: pelagus Troiamne petemus?'*

(Virg. *En. X*, v.369-378)

Tradução:

Para onde correis, companheiros? Por vós e pelos valentes feitos, pelo nome do chefe Evandro e pelas guerras que foram vencidas e pela minha esperança, que agora avança comparável à honra paterna, não vos fieis em vossos pés. O caminho deve ser aberto com o ferro, por entre os inimigos, onde aquele pelotão muito compacto comprime os homens, por aqui a poderosa pátria vos reclama com o chefe Palante. Nenhuma divindade reterá. Ó mortais, somos perseguidos por um inimigo mortal. Tal como outros tantos, nós temos almas e mãos. Eis o ponto do mar que nos cerca com grande barreira; a terra já falta à fuga. Buscamos o mar ou Troia?

No trecho exposto acima, o chefe árcade incita a coragem (*uirtus*) de seu exército, que estava fugindo ao combate. Palante, sendo o general e com as armas do pai, adverte-os a continuar a lutar com toda a força e coragem contra o inimigo, a fim de conquistarem a honra. O filho de Evandro lembra aos árcades o motivo da luta, que é a conquista de uma nova Troia.

Palante é uma figura muito relevante no poema virgiliano, uma vez que representa tanto a *uirtus* de um grande guerreiro, quanto a *fides* de um valoroso aliado e companheiro. Com esse discurso, o chefe faz com que os árcades se lancem furiosamente contra os adversários, mostrando toda a sua *uirtus* em combate.

O aliado de Eneias demonstra todo o seu valor em batalha, tirando a vida de inúmeros soldados latinos. Porém, chega o momento de o chefe árcade medir forças com o grande combatente rútilo, Turno. Antes mesmo de lançar um dardo contra este, Palante convoca a ajuda divina, mas não é atendido. Assim, o pai dos deuses lhe profere as seguintes palavras:

*Stat sua cuique dies, breue et inreparabile tempus
omnibus et uitae; sed famam extendere factis,
hoc uirtutis opus.* _____

(Virg. *En. X*, v.467-469)

Tradução:

Cada um tem o seu dia, o tempo de vida é breve e irreparável para todos, mas aumentar a fama com os atos, esta é a obra da virtude.

Mesmo não obtendo o auxílio divino, Palante avança contra o inimigo, atira o dardo, que resvala de leve o ombro do rútilo. Turno, por sua vez, investe contra o filho de Evandro e atira um dardo contra seu peito, causando a sua morte, o fim do valoroso Palante.

No trecho acima, a noção de *uirtus* pode encerrar significados mais amplos e gerais. A virtude a que se refere Júpiter não está limitada apenas ao guerreiro valente que se destaca pelas qualidades viris. O termo, nesse contexto, está sujeito a uma série de interpretações devido à complexidade semântica que lhe é própria.

As palavras de Júpiter, na verdade, servem como um consolo para Palante, cuja morte é iminente. O pai dos deuses diz que mais importante que a duração da vida é a glória obtida através de boas ações. A morte chega para todos, porque o tempo da vida é breve. Já a *fama* é duradoura para aqueles que, mesmo depois de mortos, são reconhecidos por suas boas e virtuosas ações.

Deste modo, entende-se que a *fama* (no sentido positivo, ou seja, a boa fama) é obtida pela *uirtus*, conforme se constata na expressão “*hoc uirtutis opus*”. A *uirtus* nesse fragmento denotaria, num sentido mais geral, a disposição do homem de bom caráter e de bons hábitos, defensor da pátria e da família.

Depois de uma intensa guerra, em que houve a morte de inúmeros guerreiros, suspendem-se temporariamente as hostilidades entre os beligerantes. Os emissários da cidade latina chegam até Eneias, solicitando a este permissão para levarem os corpos dos soldados mortos para serem enterrados. A permissão é concedida, mas Eneias lhes expõe sua indignação diante da guerra, gerada por causa da hostilidade do povo latino. Então, o mensageiro latino Drances, reconhecendo as virtudes de Eneias, diz para este:

_____ ‘*O fama ingens, ingentior armis,
uir Troiane, quibus caelo te laudibus aequem?
Iustitiaene prius mirer belline laborum?*

(Virg. *En.* XI, v.124-126)

Tradução:

Ó fama ingente, que é maior nas armas, ó varão troiano, com que louvores eu poderia te elevar ao céu? Admiraria primeiro tua justiça ou teus labores de guerra?

No excerto acima, o personagem Drances, que sempre se mostrou inimigo de Turno, exalta a *uirtus* do varão troiano, referindo-se à disposição deste em combate (*armis*). Há, novamente, o uso do termo *arma* para se referir à habilidade na guerra, que, nesse caso, seria sinônimo da expressão *belli laborum* (labores de guerra).

Quando o personagem se refere à *iustitia* de Eneias, enfatiza o seu valor moral. Eneias é um *uir iustus*. É possível perceber que, no épico virgiliano, quando há a caracterização do herói, destacam-se não apenas os seus atributos físicos, como a força e a coragem, como também as suas qualidades morais, como a *pietas*, a *fides* e a *uirtus*.

Outra passagem muito representativa da *uirtus* e da *pietas* de Eneias é a que expõe as palavras de Diomedes²³. Este personagem, em seu discurso, revela que Troia resistiu durante dez anos ao ataque dos gregos devido à inabalável *uirtus* de dois grandes guerreiros: Heitor e Eneias.

Na cidade, inúmeros latinos, perturbados com a guerra nefasta, choram a perda de seus familiares, que tombaram em combate. Nesse ínterim, chegam os mensageiros do rei Latino, que tinham ido à cidade de Diomedes solicitar auxílio e aliança na guerra contra os troianos.

O trecho a seguir trata das últimas palavras proferidas por Diomedes para os latinos. Em seu discurso, Diomedes mostra-se desfavorável à guerra contra os troianos e expõe sobre os infortúnios e os castigos que acometeram os combatentes que se lançaram contra o povo de Príamo e exterminaram a cidade de Troia. O próprio Diomedes recusa-se em participar de uma guerra contra Eneias e seu povo. No final do discurso, o grego ressalta as virtudes de Heitor e de Eneias:

*‘Quidquid apud durae cessatum est moenia Troiae,
Hectoris Aenaeque manu uictoria Graium*

²³ “Diomedes, na mitologia grega, filho de Tideus e comandante dos contingentes de Argos e de Tirins na expedição a Troia, um chefe impetuoso, belicoso e cavalheiresco, e um dos principais guerreiros na ‘Ilíada’, onde são narradas muitas de suas façanhas. Entre estas destaca-se o fato de ele, simples mortal, haver ferido Ares e Afrodite com suas armas.” (HARVEY, P. *Dicionário Oxford de literatura clássica: grega e latina*, 167.)

haesit et in decimum uestigia rettulit annum.

Ambo animis, ambo insignes praestantibus armis;

hic pietate prior. Coeant in foedera dextrae,

qua datur; ast armis concurrant arma cauete.'

(Virg. *En.* XI, v.288-293)

Tradução:

O que quer que tenha tardado diante das muralhas da robusta Troia, a vitória dos gregos foi atrasada pelas mãos de Heitor e de Eneias, e foi suspensa durante dez anos. Ambos insignes na coragem, ambos distintos na guerra. Este último superior na piedade. Que se unam em aliança, enquanto é possível. Mas, tende cautela com as vossas armas, para que não se choquem contra as deles.

A *uirtus* dos dois varões vem expressa pelo uso dos vocábulos *animis* e *armis*, que se referem à valentia guerreira e à destreza no manejo das armas em campo de batalha. Nota-se o uso de dois termos morfológicamente parecidos, destacados acima, com a finalidade de realçar o próprio sentido que remete à guerra. A repetição do termo *ambo*, por sua vez, enfatiza a disposição em combate dos dois guerreiros, colocando-os no mesmo nível.

A *pietas* de Eneias vem em destaque, em início de verso (*hic pietate prior*). Deste modo, manifesta-se a incontestável superioridade de Eneias, colocando-o acima, não só de Heitor, mas de todos os combatentes, uma vez que ao valor guerreiro da *uirtus* se agrega a virtude moral da *pietas*. Eis o ideal do *uir romanus* expresso pelo herói épico de Virgílio.

Convém atentar ainda para a exortação à *fides* que se evidencia em “*Coeant in foedera dextrae*”. O próprio Diomedes, que lutara impetuosamente contra os troianos na guerra de Troia, aconselha os latinos a firmarem uma aliança com os teucros. Observa-se, novamente, o uso de *dextrae* (de *manus dextra*) para simbolizar um acordo (*foedus*), onde se assenta a *fides*.

O trecho seguinte, no qual se manifestam as noções de *uirtus* e de *labor*, refere-se à passagem em que Eneias se despede de Ascânio para enfrentar o adversário rútilo num duelo. O herói adverte o filho a buscar a *uirtus*, tomando como modelo a sua ascendência:

*'Disce, puer, uirtutem ex me uerumque laborem,
fortunam ex aliis. Nunc te mea dextera bello
defensum dabit et magna inter praemia ducet.
Tu facito, mox cum matura adoleuerit aetas,
sis memor et te animo repetentem exempla tuorum
et pater Aeneas et auunculus excitet Hector.'*

(Virg. *En.* XII, v.435-440)

Tradução:

Aprende, ó menino, a virtude e o verdadeiro labor comigo, a sorte com os outros. Agora, meu braço te dará proteção na guerra e te conduzirá entre grandes recompensas. Faz com que tu te lembres, logo que a idade madura tiver chegado, rememorando-te com ânimo os exemplos dos teus. Que o pai Eneias e o avô Heitor te estimulem.

Neste fragmento, o sentido de *uirtus* não se reduz apenas à coragem do guerreiro. A *uirtus* que aqui se expressa refere-se antes à moral do homem justo e bom. O tom de ensinamento nas ponderações feitas por Eneias ao *puer* Ascânio é patente através do uso do imperativo (*disce*). A *uirtus* a que o personagem se refere é uma disposição do espírito que consite numa junção de valores que confluem para a formação de um homem de boas qualidades. Associa-se a este conceito a noção de *labor*, pois, como dito anteriormente, só se atinge a *uirtus* através do verdadeiro esforço (*uerum laborem*).

Ressalte-se ainda que o poeta estabelece uma leve oposição entre *uirtus* e *fortuna* nestes versos. Pode-se entender que a *uirtus* é um valor inerente ao *uir bonus*, que pode ser construído pelo próprio indivíduo através de boas ações. Já a *fortuna* foge ao domínio do homem, porque é algo diante do qual ele não tem escolha. Deste modo, como não compete ao ser humano controlar sua própria sorte (*fortuna*), convém construir através de seus atos a virtude (*uirtus*).

O *pater Aeneas* ainda aconselha Ascânio a lembrar os *exempla*, peculiares à sua progênie, que se reportam sobretudo às virtudes morais e aos bons costumes da ancestralidade. Os dois grandes expoentes da estirpe troiana que patenteiam tais valores são mencionados pelo próprio herói: Eneias e Heitor. Uma vez que Ascânio (também chamado de Iulo) é o filho de Eneias e representa a continuação de sua *gens*, deve observar escrupulosamente tais valores e seguir os *exempla* deixados pelos seus progenitores, honrando a sua distinta linhagem.

7. A ENEIDA E A POLÍTICA DE AUGUSTO

Durante a administração de Augusto, a literatura desempenhou um importante papel, pois auxiliou no fortalecimento da disposição moral do homem romano em conformidade com as convicções sociais e políticas do líder político. Não há dúvidas de que a obra de Virgílio foi extremamente útil para a política do imperador. De fato, a *Eneida*, como um poema épico, serviu para instilar no espírito dos cidadãos a antiga moralidade romana e estimular o orgulho patriótico.

Após um longo período de incertezas produzido pela instabilidade das contendas partidárias, o sentimento de alívio e de esperança brotava no ânimo do povo de Roma. A paz de Augusto fez ressurgir ali o orgulho nacional, de modo a estabelecer uma nova ordem, assentada nos antigos valores. Conforme afirma CITRONI:

*Após as divisões suscitadas pelas guerras civis, esta intenção 'patriótica' pressupunha a possibilidade de apelar novamente aos valores partilhados por toda a comunidade. A necessidade de recuperar os valores tradicionais correspondia, aliás, às expectativas e esperanças das populações da Itália e do Império. A inteligência política de Augusto permitiu-lhe ir ao encontro dessas expectativas e construir a imagem de um príncipe cuja vitória não era a afirmação de um chefe militar, que se impunha com a força das suas armas, mas antes a restauração da 'res publica', o resgatar de todas as tradições nacionais, a salvação e a prosperidade do estado.*²⁴

A fim de exaltar a política de Augusto, o poeta serve-se da antiga lenda de Eneias, tema da epopeia, e a relaciona ao mundo contemporâneo do *princeps*. Tal intento é percebido sutilmente nas alegorias e nos simbolismos. A relação entre passado e presente pode ser constatada em episódios tais como a descrição do escudo de Eneias (revela episódios marcantes da história romana) e a descida ao mundo subterrâneo (Anquises relata a Eneias sobre o futuro de Roma).

Pode-se dizer que, de certo modo, era conveniente compor versos que remetessem para o esplendor do atual período augustano, explicado a partir da fundação mítica da Itália. Acrescentando ao mito fatos históricos, o poeta estabelece relações

²⁴ CITRONI, *Literatura de Roma Antiga*, p.482.

entre Troia e Roma, entre Eneias e Augusto. A obra põe em evidência a ascendência divina de Júlio César e de seu herdeiro Otávio Augusto²⁵, descendentes da *gens Iulia*.

Posto isso, convém apresentar alguns trechos da *Eneida* que fazem referência ao povo romano e à época de Augusto.

No Canto I, Júpiter informa sua filha sobre os *fata* dos troianos e sobre a cidade prometida, assegurando-lhe que do sangue troiano descenderá a raça romana, a qual haverá de construir um imenso e poderoso império. O pai dos deuses anuncia-lhe o nascimento de César e a chegada de uma era de paz e tranquilidade:

*Nascetur pulchra Troianus origine Caesar,
imperium Oceano, famam qui terminet astris
Iulius, a magno demissum nomen Iulo.
Hunc tu olim caelo spoliis Orientis onustum
accipies securus; uocabitur hic quoque uotis.
Aspera tum positae mitescent saecula bellis;
cana Fides et Vesta, Remo cum fratre Quirinus
iura dabunt; dirae ferro et compagibus artis
claudentur Belli portae; Furor impius intus
saeua sedens super arma et centum uinctus aenis
post tergum nodis fremet horridus ore cruento.*

(Virg. *En.* I, v.286-296)

Tradução:

Nascerá um troiano de notável origem, César, que levará o império ao Oceano e a fama até os astros. Júlio, nome que provém do grande Iulo. Tranquila, tu o receberás um dia no céu, carregado de despojos do Oriente. Ele também será invocado nos cultos. Então, repelidas as guerras, abrandar-se-ão os tempos difíceis. A antiga Fé e Vesta, Quirino com o irmão Remo estabelecerão as leis. As terríveis portas da Guerra serão fechadas com o ferro e com fortes trancas. No interior, o ímpio Furor, sentado sobre as atrozes

²⁵ Conforme diz OTIS: “Essentially the real ‘plot’ of the *Aeneid* is that of the formation and victory of the Augustan hero... But Aeneas, of course, is meant to be the prototype as well as the mythical ancestor of Augustus. In the narrative he belongs to his own epic age; Virgil avoided, at all costs, the direct intrusion of contemporary events or persons, of history, into the realm of myth or legend...” *The Odyssean Aeneid and the Iliadic Aeneid*. In: COMMAGER, Steele. *Virgil – a collection of critical essays*. New Jersey: Englewood Cliffs, 1966. p. 95

armas e amarrado nas costas com cem correias de bronze, gritará, pavoroso, com a boca ensanguentada.

Nota-se, nos versos anteriores, a referência dada a César, à sua origem troiana pela *gens Iulia*, e à subida aos céus, devido à própria natureza divina (*Hunc tu olim caelo spoliis Orientis onustum/accipies securam; uocabitur hic quoque uotis.*). Logo em seguida, faz-se uma alusão aos tempos de Augusto, como um período ilustre marcado pela ordem e pela paz (*Aspera tum positae mitescent saecula bellis*).

No Canto VI, Anquises apresenta a seu filho os heróis, descendentes de raça itálica, que fariam a glória de Roma. No fragmento a seguir, observa-se o relevo dado à figura de Augusto, como restaurador do século de ouro (*aurea saecula*):

Huc geminas nunc flecte acies, hanc aspice gentem

Romanosque tuos. Hic Caesar et omnis Iuli

progenies magnum caeli uentura sub axem.

Hic uir, hic est, tibi quem promitti saepius audis,

Augustus Caesar, diui genus, aurea condet

saecula qui rursus Latium regnata per arua

Saturno quondam, super et Garamantas et Indos,

proferet imperium; iacet extra sidera tellus,

extra anni solisque uias, ubi caelifer Atlas

axem umero torquet stellis ardentibus aptum.

(Virg. *En.* VI, v.788-797)

Tradução:

Agora, volta teus olhos para aqui, examina esta gente e teus romanos. Eis César e toda a progênie de Iulo que hão de vir sob o grande eixo do céu. Eis o varão, este é Augusto César, aquele que tu muitas vezes ouves ser prometido, descendente de um deus, que restabelecerá a idade do ouro no Lácio, pelos campos outrora reinados por Saturno, e estenderá o império além dos Garamantes e dos Indos, a terra se estenderá além dos astros, além das vias do sol e das estações, onde Atlas, que traz o céu, revolve sobre o ombro a região celeste com as estrelas brilhantes.

Verifica-se que, nestes versos, a menção à raça romana (*Romanosque tuos*) e, particularmente, às figuras de Júlio César e de Augusto é explícita. Revela-se que o grande ditador²⁶ romano descende da linhagem de Iulo, filho de Eneias e neto de Vênus. Não obstante, a figura mais sobressalente nesse trecho é a de Augusto. O uso do verbo *promittere* reforça a sua natureza divina, pois ele representaria um ser “prometido”, predestinado a proteger a pátria. Augusto figuraria, pois, o agente cuja principal missão é assegurar a paz e a harmonia ao Estado Romano.

A noção de *uirtus*, diretamente relacionada à raça romana, vem expressa na resposta do rei Latino ao troiano Ilioneu:

*hunc illum fatis externa ab sede profectum
portendi generum paribusque in regna uocari
auspiciis, huic progeniem uirtute futuram
egregiam et totum quae uiribus occupet orbem.*

(Virg. *En.* VII, v.255-258)

Tradução:

É este o genro anunciado pelos fados que veio de uma morada estrangeira, que foi convocado para as suas terras com semelhantes auspícios, de quem a progênie distinta na virtude há de vir, que dominará todo o orbe pela força.

A referência ao povo romano encontra-se na expressão *progeniem futuram*. Como se comprova nesses versos, a insígnia dos romanos é a *uirtus*. Os conceitos gregos da *andreia* e da *aretê* cabem nesse contexto, bem como o sentido mais geral do termo, relativo ao *uir bonus*. A soberania de Roma, pois, se justificaria no espírito romano alicerçado no equilíbrio entre a força (*uis*) e a virtude (*uirtus*).

O nome de Augusto César é novamente mencionado na passagem da descrição do escudo do herói:

*Hinc Augustus agens Italos in proelia Caesar
cum patribus populoque, penatibus et magnis dis,*

²⁶ Convém apontar que Júlio César, diante das honras recebidas *post mortem*, foi considerado um verdadeiro deus.

*stans celsa in puppi, geminas cui tempora flammis
laeta uomunt patriumque aperitur uertice sidus.*

(Virg. *En.* VIII, v.678-681)

Tradução:

De um lado, Augusto César, conduzindo os itálos para o combate, com o senado e o povo, os penates e os grandes deuses, de pé na elevada popa, para quem as tēmporas alegres produzem duas chamas e a estrela do pai se abre no cimo da cabeça.

Este episódio da história de Roma, que trata da guerra de Ácio, está descrito no escudo de Eneias, forjado pelo deus Vulcano. É interessante observar, neste fragmento, o uso sutil de algumas ideias que se mostram indispensáveis para o propósito do poeta de enobrecer o imperador. No texto, é manifesto que Augusto tem o assentimento e o apoio dos italianos, do patriciado, da plebe romana e dos deuses.

Desta forma, à figura do *princeps*, associam-se os seguintes elementos: o senado, o povo, os pequenos e os grandes deuses, de modo a estabelecer uma oposição com seu adversário Marco Antônio, que está ligado aos bárbaros e à mulher estrangeira. Sem dúvidas, a sequência de nomes em ablativo expressa em “*Cum patribus populoque, penatibus et magnis dis*” faz toda diferença e se torna essencial para favorecer a imagem do líder político.

Outra virtude considerada própria da raça romana é a *pietas*, conforme se verifica no trecho a seguir, que corresponde a uma parte da fala de Júpiter em resposta às súplicas de Juno que, já conformada com a imutabilidade do destino, solicitava ao rei do Olimpo que o nome, o idioma e os costumes dos latinos não fossem alterados. Júpiter esclarece para a rainha dos deuses que nenhuma outra sociedade será mais piedosa para com ela do que a gente romana:

*‘Hinc genus Ausonio mixtum quod sanguine surget,
supra homines, supra ire deos pietate uidebis,
nec gens ulla tuos aeque celebrabit honores.’*

(Virg. *En.* XII, v.838-840)

Tradução:

Daqui surgirá uma raça misturada ao sangue ausônio, verás esta raça ir além dos homens, além dos deuses quanto à piedade, nenhum povo prestará cultos da mesma

maneira a ti.

A partir das observações feitas nesse capítulo, pode-se afirmar que os conceitos desenvolvidos por Virgílio em sua obra prima propõem-se a estabelecer uma identidade da gente romana, de modo que justifique a preponderância de Roma sobre todos os outros povos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primazia da obra virgiliana não se justifica apenas por representar uma composição épica que trata de assuntos grandiosos para a exaltação da pátria. Abundam matérias de toda ordem nessa produção, que se desenvolvem, com uma evidente capacidade inventiva, de acordo com os projetos morais e as ideologias de Augusto. Apesar de o poeta se servir fundamentalmente das obras homéricas e de outros modelos gregos e latinos para produzir seus versos, a singularidade de sua epopeia se firma a partir de uma perspectiva romana aliada ao conhecimento artístico e ao talento poético que lhe são peculiares.

Este trabalho buscou refletir sobre a epopeia de Virgílio tendo como principal foco a questão da moral romana, encerrada nos valores da *Pietas*, da *Fides* e da *Virtus*. Fazia parte da cultura romana, tanto na República quanto no Império de Augusto, exaltar as virtudes tradicionais que compunham o *mos maiorum*, conceito fundamentado na disciplina e no modo de viver dos antepassados.

São inúmeras as passagens da narrativa que difundem tais noções, que se concentram essencialmente no protagonista épico. De fato, o herói Eneias, figura na qual se resumem as grandes disposições romanas, é quem tem a missão de fundar uma nova cidade, onde se estabelecerá a futura civilização romana. Assim, Eneias, como o fundador mítico da estirpe romana, simbolizaria o modelo de homem para essa sociedade. Através das ações desse personagem heroico, o poeta evidencia as principais virtudes consideradas peculiares ao povo de Roma.

Presume-se que a difusão de tais conceitos, concernentes às esferas moral e política, por meio da literatura, contribuiria com as aspirações sociais e políticas do imperador Augusto, de modo a facilitar o seu propósito de restabelecer uma ordem assentada nos antigos costumes. Neste sentido, pode-se afirmar que a grande mensagem do épico virgiliano está expressa na seguinte passagem, onde se destaca a missão civilizadora de Roma, fundamentada sobretudo na paz: *tu regere imperio populos, Romane, memento / (hae tibi erunt artes), pacique imponere morem, / parcere subiectis et debellare superbos*²⁷. Tu, ó romano, lembra-te de governar os povos sob teu império (estas serão tuas artes) e impor o costume à paz, poupar os humildes e submeter os soberbos.

²⁷ Virg. *En.* VI, v.851-853

9. BIBLIOGRAFIA

AYMARD, André; **AUBOYER**, Jeannine. *História Geral das Civilizações. Tomo II – Roma e Seu Império*. 2º volume. As Civilizações da Unidade Romana. Trad. Pedro Moacyr Campos. Difusão Européia do Livro: São Paulo, 1956.

BALMACEDA, Catalina. *Virtus Romana em el siglo I a.C.* Gerión – revista de historia antigua, Madri, 25, n. I, 285-304, 2007.

BAYET, Jean. *Literatura Latina*. Nueva edición com Prólogo de José-Ignacio Ciruelo. Editorial Ariel S.A.: Barcelona, 1985.

BIGNONE, Ettore. *Historia de la literatura latina*. Trad. Gregorio Halperín. Buenos Aires: Editorial Losada, 1952.

BORNEQUE, Henri; **MORNET**, Daniel. *Roma e os romanos*. São Paulo: Edusp/Epu, 1976.

CARDOSO, Zélia Almeida. *A Literatura Latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CICERO. *Philippicae*. In: The Latin Library. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/cicero/phil.shtml>> Acesso em 12/10/11.

_____. *Tusculanae Disputationes*. In: The Latin Library. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/cicero/tusc.shtml>> Acesso em 23/10/11.

_____. *De Officiis*. In: The Latin Library. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/cicero/off.shtml>> Acesso em 20/10/11.

CITRONI, M. et alii. *Literatura de Roma Antiga*. Trad. Port. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

COMMAGER, Steele. *Virgil – a collection of critical essays*. New Jersey: Englewood Cliffs, 1966.

COMMELIN, P. *Nova Mitologia Grega e Romana*. Tradução brasileira de Thomaz Lopes. Rio de Janeiro: F. Briguiet Editores, 1947.

CUNHA, Alice da Silva. *Pietas: fator de convergência na construção textual*. In: XXV Semana de Estudos Clássicos, 2006, Rio de Janeiro. XXV Semana de Estudos Clássicos - Intertextualidade e Pensamento Clássico. Rio de Janeiro: Departamento de Letras Clássicas/Faculdade de Letras/UFRJ, 2006. v. 1. p. 16-24.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 6ª ed. Rio de Janeiro: MEC, 1991.

_____. *Gramática da língua latina*. 2ª ed. Revisão de Ruth Junqueira de Faria. Brasília: FAE, 1995.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GILBERT, John. *Mitos e Lendas da Roma Antiga*. 2ª ed. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Edições Melhoramentos – EDUSP, 1978.

GIORDANI, Mário Curtis. *História de Roma – Antiguidade Clássica II*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GRIMAL, Pierre. *Virgílio ou O Segundo Nascimento de Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *O Século de Augusto*. Trad. Rui Miguel O. Duarte. Lisboa: Edições 70, 2008.

_____. *A Civilização Romana*. Trad. Isabel St.Aubyn. Lisboa: Edições 70, 2009.

_____. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. *História de Roma*. Trad. Rita Canas Mendes. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

HADAS, Moses. *Roma Imperial*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica: grega e latina*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

KENNEY, E. J.; **CLAUSEN**, W. V. *Historia de la literatura clásica* (Cambridge University). vol. II. Literatura Latina. Trad. Elena Bombín. Madrid: Gredos, [s.d.].

LIBERATI, Anna Maria; **BOURBON**, Fabio. *A Roma Antiga*. Tradução de Alexandre Martins. Barcelona: Ediciones Folio, 2005.

MARMORALE, Enzo V. *História da Literatura Latina*. Tradução de João Bartolomeu Júnior. Lisboa: Editorial Estúdios Cor. 1987. v.1.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. 3ª ed., Tradução de S. J. Manoel Losa. Lisboa: Caloustes, 1983.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História e Cultura Clássica*. v. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

_____. *Romana: antologia da cultura latina*. 4ª ed. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2000.

STAIGER, Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.

SUETÔNIO. *A Vida dos Doze Césares*. Apresentação de Carlos Heitor Cony e Tradução de Sady-Garibaldi. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

THAMOS, Márcio. *A Expressão Concreta do Mito de Roma (em um trecho da Eneida de Virgílio)*. Olho d'água, São José do Rio Preto, v.1, n.1, p.127-134, 2009.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino português*. 2ª ed. Porto : Gráficos Reunidos, 1942.

VIRGILE. *Énéide*. Traduit par Jacques Perret. Paris: Les Belles Lettres. 1999, livres I-IV; 2000, livres V-VIII; 2001, livres IX-XII.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. e notas David Jardim Júnior. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Ediouro,s/d.

VIRGÍLIO. *Eneida Brasileira: tradução poética da epopeia de Públio Virgílio Maro*. Organização Paulo Sérgio de Vasconcellos et al.; tradução Manoel Odorico Mendes. Campinas, Editora da Unicamp, 2008.